

O CONGO
Seu Passado,
Presente e Futuro



672.4)"18"(042)

O CONGO

SEU PASSADO, PRESENTE E FUTURO

COMMUNICAÇÃO À SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

NA

SESSÃO DE 7 DE MARÇO DE 1889

PELO

PADRE ANTONIO JOSÉ DE SOUSA BARROSO

S. S. G. L.

Superior das missões portuguezas no Congo



LISBOA

IMPrensa NACIONAL

1889

*S. Ex.ª D. e Maria Henriqueta
Barbosa Sotomaior
Distinções de presente e
prêto e agradecimento*

Br-10-79 *offe*

C. M. B.
BIBLIOTECA

O CONGO

Antes

D. Maria Henriqueta Barbosa Sotomaior nasceu
a 3. V. 1849 e m. solteira a 31. X. 1914. Era tia
paterna < irmã do pai > do 2.º Conde de Aze-
vedo Pedro Barbosa Falcão de Azevedo e
Bourbon.

C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
n.º 4300

Biblioteca
Pern.

COLORED



Dr. Antonio José de la Cruz Pizarro

O CONGO

SEU PASSADO, PRESENTE E FUTURO

COMMUNICAÇÃO À SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

NA

SESSÃO DE 7 DE MARÇO DE 1889

PELO

PADRE ANTONIO JOSÉ DE SOUSA BARROSO

S. S. G. L.

Superior das missões portuguezas no Congo



LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1889

C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA

O CONGO

SEU PASSADO, PRESENTE E FUTURO

CONSTITUINDO A SEÇÃO DE HISTÓRIA DO CONGO

LIBRÃO DE 1 DE MARÇO DE 1960

JOSE ANTONIO JOSE DA SILVA BARROSO



LIVRO

IMPRESSO EM 1960

À

Sociedade de Geographia

de Lisboa

III.^{mo} e ex.^{mo} sr. secretario perpetuo da
Sociedade de Geographia de Lisboa.

Meu bom amigo :

Os apontamentos que ao chegar de Africa escrevi, para me servirem de guia na communicação feita á Sociedade de Geographia de Lisboa em sessão de 7 do corrente, vão ser impressos e publicados em folheto.

Esse modestissimo trabalho é por mim dedicado a quem de direito o devia ser — á Sociedade de Geographia de Lisboa — como uma prova bem mesquinha em verdade, mas sincera, do respeito que lhe consagra o mais humilde dos missionarios portuguezes. Quem iniciou entre nós esse movimento de interesse pelas cousas africanas, a que estão ligadas a honra e o brio nacional e quiçá o futuro da nação portugueza?

Quem tem propugnado perante os poderes constituidos, pelos interesses moraes e materiaes das nossas colonias?

Tem sido essa Sociedade, esse grupo já bem numeroso, de homens distinctos em todos os ramos da actividade humana, que pondo de parte as questões de politica partidaria se congregaram no pensamento unanime de beneficiarem as nossas ricas colonias, veneranda herança de nossos heroicos avós.

Graças a perseverantes esforços n'este sentido temos hoje uma opinião publica que se interessa pela Africa. Eu, apesar de ser novo, lembro-me do tempo em que ella não existia. Prefiro as Syrtes ao Mar Morto.

Nos ultimos dez annos temos feito mais em beneficio das colonias, do que o tinhamos feito durante um seculo. A necessidade das missões

religiosas impõe-se; adiar a sua organização é prejudicarmo-nos voluntariamente.

Não temos pessoal; é urgente formal-o.

Não tenho pretensões de que as minhas indicações n'este sentido sejam as melhores; são, porém, sinceras e dictadas pelo desejo ardente da civilisação das raças africanas.

Muitos terão mais luzes sobre o assumpto; melhor vontade não.

Seja pois, o meu bom amigo, o interprete dos nossos sentimentos perante a benemerita Sociedade, e que ella acceite, como preito de profundo reconhecimento, o humilde trabalho do menos prestimoso dos seus socios.

Admirador convicto do talento de v. ex.^a, tenho a honra de assignar-me

Att.^{to} ven.^{dor} e obrig.^{do} amigo

Lisboa, março de 1889.

Padre Antonio José de Sousa Barroso.

Meus senhores :

Observar os costumes, a religião, as instituições embryonarias, as tendencias de raça e o modo de viver das populações africanas, demanda uma attenção, um estudo muito mais aturado e persistente do que á primeira vista se nos afigura.

O estado de civilisação rudimentar em que n'este momento historico se encontram as raças negras, e talvez mais do que isso o largo periodo em que foram exploradas pelas raças brancas, tornou-as desconfiadas, a tal ponto, que um preto julga uma má acção revelar ao europeu, ao branco, os factos mais triviaes e simples que tenham qualquer relação com a sua vida íntima e economica, social e politica.

Eu penso, e sempre assim senti, que todas as noticias, que todas as informações, todos os estudos, por deficientes que sejam e incompletos que se refiram ao clima, costumes e modo de ser das sociedades africanas terão sempre algum interesse real, e prestarão, ainda que modesto, um subsidio apreciavel para o conhecimento das cousas africanas, que sobre maneira devem interessar-nos a nós, os portuguezes, que temos hoje vinculados ao grande continente africano os interesses mais vitaes e mais sagrados.

O missionario pela sua posição singular e especialissima no seio das raças africanas, pela doutrina que lhes annuncia e pela confiança que lhes inspira, é, a meu ver, sem contestação, o individuo que melhor póde conhecer a raça desprotegida e aviltada, e o que melhor póde informar do seu actual estado. Deve, porém, ter bem impressa

esta idéa capital: que não deve enthusiasmar-se com pequenos resultados, muitas vezes só apparentes, nem deixar-se abater pelas difficuldades sempre grandes. No primeiro caso teríamos informações de um optimismo sem criterio, no segundo um pessimismo desolador.

Ambos falsos, ambos funestos. Evitarei quanto poder um e outro.

Longe de mim a ridicula idéa de vir dar novidades ou ensinar qualquer cousa perante uma Sociedade de homens tão eminentes e versados em negócios africanos; o meu fim é simplesmente contar com singeleza as minhas impressões pessoaes e, já que a Providencia me não fadou, para levar aos caboucos do grande edificio da futura civilisação africana os enormes blocos, em que se deve firmar, carrear humilde ao menos o pequeno pedregulho, que tambem ahi, encontrará collocação.

Este modesto trabalho é dividido em tres partes e tem como titulo:

O Congo, seu passado, seu presente e seu futuro.

PRIMEIRA PARTE

I

Durante o meu tirocinio ecclesiastico em Sernache do Bom Jardim no collegio das missões portuguezas, collegio para mim de inolvidaveis recordações, li incidentemente alguns livros sobre assumptos africanos em geral e em particular sobre as antigas glorias nacionaes. Ahi passavam como meteoros luminosas, diante do meu entusiasmo de rapaz os nossos ousados marinheiros, que ensinaram ao mundo a navegar, que mostraram á Europa, estupefacta, não só os contornos dos continentes, mas as enseadas e bahias do Atlantico.

Em seguida eu admirava o intimo consorcio da Cruz e da Espada, o missionario e o soldado, duas entidades que eu igualmente amava. A figura de um velho quebrado pela doença, arquejante de fadiga, e sentado á sombra protectora de uma acacia, rodeado de neophitos, era para mim de um encanto extraordinario. Pois isso que me elevava a alma e que tinha alguma cousa de phantastico e sublime, teve uma realidade; o missionario portuguez foi tudo o que eu sonhava e foi ainda mais. Esta segunda parte só a conheci quando tive de tragar o fel da ausencia da patria na soledade do sertão, aguilhoado pelo desconforto.

Reagi, e ai d'aquelle que se deixa esmagar pelo desalento!

O audaz explorador Henrique Stanley descia o Congo em 1877, tendo resolvido em parte, ao menos, graves problemas hydrographicos da Africa central; feita uma peregrinação de reclame pela Europa, voltava ao Congo em missão especial e mysteriosa. O governo portuguez, que desde 1846 era impedido na sua expansão ao norte do Ambriz, por quem nos devia auxiliar, sobresaltou-se. D'aqui a insinuação ao rev.^{do} bispo de Angola D. José Netto, actual patriarcha de Lisboa, para que se organisasse e partisse para o Congo uma missão religioso-politica, que restaurasse a nossa influencia conbalida pelas intrigas de estrangeiros, pouco escrupulosos e sobretudo pouco reconhecidos. Governava a provincia o ex.^{mo} conselheiro Eleuterio Dantas,

caracter nobre, alma de boa tempera, mas que conhecia do sertão tanto como o sr. bispo, como eu, e como os meus companheiros. D'aqui uma pessima organização da expedição que devia levar ao rei do Congo os presentes que lhe enviava Sua Magestade El-Rei de Portugal.

Eu tive de vencer uma grande difficuldade em Loanda para persuadir que devíamos subir o Zaire até o Mussuco ou Noki e que d'este ponto é que devíamos partir para a velha capital do Congo. Este itinerario tinha sobre o do Ambriz duas vantagens: a primeira era ser mais curto o trajecto a fazer a pé e conhecermos essa região de Noki na margem esquerda do Zaire a S. Salvador; a segunda era evitarmos os povos que tinham soffrido com as nossas ultimas campanhas do Bembe, e que de modo algum nos receberiam como bons amigos.

Dir-se-ia que emquanto ao tempo, a capital do Congo distava de nós, pelo menos dois alentados seculos. Em Loanda fallava-se em S. Salvador do Congo, como do Muata Cazembe, e ninguém atinava em fazer uma indicação rasoavel, porque realmente nada sabiam do que se passava no interior ao norte do Ambriz. E a verdade é que poucos annos mediavam entre a retirada das nossas tropas d'aquella região, um passo altamente impolitico, a meu ver, e o anno a que me estava referindo 1880. Como em S. Salvador deviam haver igrejas derrocadas para attestarem a valentia dos elementos destruidores nas regiões equatoriaes e tambem a nossa incuria e desleixo pelos legados venerandos dos nossos antepassados, um dos artigos das minhas instrucções rezava que o superior da missão requisitaria do rei do Congo pessoal e material adequados para serem reedificados esses templos ou pelo menos alguns. Em ordem a conseguir-se este louvavel desejo eram addidos á missão dois carpinteiros, um europeu, outro indigena, e como material, de pregaria levavam 2 kilogrammas! Dois pedreiros indigenas sem ferrámentas completavam o pessoal trabalhador da expedição. O capitão Mena, e outro official, o guarda-marinha Motta e Sousa, o rev.^{do} Sebastião José Pereira, o rev.^{do} Joaquim Folga e eu davamos a ultima demão ás nossas pobres malas, e, dado o ultimo aperto de mão aos companheiros e amigos, entravamos na bahia de Loanda para a canhoneira *Bengo*, da marinha real portugueza no dia 20 de janeiro de 1881.

A bordo só encontrámos verdadeiros amigos. A canhoneira levantou ferro e eu fui examinar a costa. Grandes barreiras cortadas quasi a pique, apresentavam as camadas geologicas mui distinctas, predominando a côr amarellada e a cinzenta. N'um ou n'outro ponto divisávamos uma praia de areia e uma vegetação pouco abundante, que vae crescendo á medida que caminhâmos para o equador.

Os valles do Bengo, Dande, Loge e Abidche destacam-se cheios de verdura de um tanto carregado; e lá muito ao longe surge um massiço de arvoredos e algumas feitorias caiadas, que se assimilham a um bando de pombas com as azas estendidas. O denso arvoredos vegeta nas charcas da ponta do Padrão; as casas brancas assentam na extremidade da península do Banana. Por entre estas duas balizas, entra no oceano o gigante dos rios africanos; o *pae das aguas*, como diria um muxi-congo.

Quando pela primeira vez pisei o solo de Banana, não pude deixar de escrever na minha carteira¹: «Banana está destinada, quanto o póde prever a perspicacia humana, para vir a ser (e já em parte o é) um emporio do commercio de Africa equatorial; compondo-se de grandes feitorias, recebe actualmente todo o commercio do Zaire, que é abundantissimo».

Effectivamente assim era. Os annos de 1879 e 1880 foram excepcionalmente abundantes em nguva (*arachis hypogaea*) e a actividade era enorme. N'essa epocha quasi que ainda não vinha ás feitorias do grande rio marfim nem borracha; estes dois generos eram permutados na costa entre o Ambriz e cabo dos Enganos, um pouco ao sul da ponta do Padrão. O commercio do Zaire era alimentado pela permuta de sementes oleaginosas, depois que terminou o infame trafico dos escravos.

Os trezentos e noventa e sete annos que me separavam de Diogo Cam, o qual primeiro tinha admirado o grande estuario do Zaire, foram galgados pelo meu pensamento, e encaminhei a minha vista para o fundo da bahia de Santo Antonio a procurar o porto de Pinda. O porto lá estava; os nossos galeões parece que ahi fundearam recebendo todo o commercio do Congo, mas não estavam lá: apodreceram carcomidos pelo gosano da nossa inercia. Procurei ao menos o padrão que o descobridor do Zaire ali collocou, como uma sentinella da nossa posse e do nosso direito; tambem lá não estava. Essa testemunha das nossas glorias projectava uma sombra tão dilatada e intensa, que um dia os subditos marinheiros de Sua Magestade Graciosa, para nos livrarem de um remorso, fizeram d'ella alvo para experimentarem se as culatras dos seus canhões estavam tão limpas como as suas almas. Não desanimei; ao menos o velho convento dos franciscanos, esse convento que entre outros foi illustrado por Canactin, que tinha missões no baixo Zaire, no Bamba, etc., esse deve ainda attestar a nosso amor á civilisação; as suas pedras ennegrecidas talvez ainda nos defendam contra a inveja e a ingratidão de estranhos!...

¹ Meu primeiro relatorio publicado nos *Annaes da associação catholica portugueza*, publicação que já não existe.

O convento desmoronou-se; ha perto de um seculo que os seus habitantes retiraram; o ultimo roçar do burel do ultimo franciscano nos abrolhos do atalho, marcou o principio da derrocada.

Partimos rio acima. Difficilmente podemos encontrar alguma clareira para descortinarmos ao longe pequenas ondulações de terreno n'uma e n'outra margem. A vegetação é esplendida, densa, emfim, tropical. O delta do grande rio não corresponde á sua enorme massa de agua. Todas as ilhas são mais ou menos alagadas, algumas fornecem boa madeira. A temperatura é sempre elevada e humida. Um dia, ao acaso, o meu thermometro marcava 56° centigrados ao sol.

Da sua foz até Bôma, na margem direita, a perspectiva é monotonal, um mar de verdura poucas vezes encrespado pelo vento. Termina o delta e com ella a vegetação e a primeira zona.

Em 1881 Bôma tinha poucas feitorias; se a reminiscencia me não falha existiam ali as seguintes casas europêas: duas portuguezas de Valle e Azevedo e Faro e Rosa, uma franceza de Daumas Bérault et C.^e, duas hollandezas pertencentes á mesma firma, uma ingleza de Athon e Cookous e a missão catholica do-Espirito Santo e Immaculado Coração de Maria, missão que visitei. Hoje Bôma tem mais casas, mais população e mais vida, por ter sido escolhido para séde do Estado independente do Congo. É doentia como todo o valle do Zaire; apesar de se ter dito muitas vezes na Europa que o seu clima é quasi excellente, eu não aconselharia pessoa alguma que o experimentasse sem necessidade.

De Bôma para cima o rio tem um curso definido, em alguns logares até apertado.

As margens elevam-se progressivamente á medida que avançamos, a vegetação arborea é substituida pelas gramineas e pequenos arbustos.

Entrámos definitivamente na região montanhosa e fundeámos em Noki, na margem esquerda do Zaire, no dia 23 de janeiro de 1881.

*

* *

Pouco a montante de Noki, e na mesma margem, no Ango-Ango, logar que mais tarde devia ser o limite do nosso dominio no Zaire, existia uma feitoria, e a 15 milhas na margem direita e sobre um elevado monte divisavam-se as primeiras construcções de Stanley, em Vivi, onde hoje nada existe que recorde a sua existencia.

Povoações indigenas junto á margem não existiam, porque tanto as inclinações demasiadas como a aridez do terreno o não permittia.

O rio lá seguia o seu curso caudaloso, por entre as montanhas, com a mesma aspereza com que o tinha divisado a expedição de H. Tukei.

Por mais que indaguei não pude descobrir qualquer vestigio de civilização christã, como mais tarde encontrei muitas mais longe no interior. Pude, porém, saber que n'uma epocha bastante anterior, por ali existiram barracões destinados a um genero de commercio infame, que para honra da humanidade terminou. É prova d'esse commercio um grande sino que existia na povoação de um soba ribeirinho e grande quantidade de pesos hespanhoes que foram enterrados com o seu possuidor.

A *Bengo* foi o segundo navio de guerra que subiu o Zaire; creio que o primeiro foi uma canhoneira ingleza que nos precedeu um mez.

Tendo-se demorado bastante em Noki, os effeitos do clima manifestaram-se por meio de febres, que atacaram a guarnição e teve que retirar. Entretanto chegaram carregadores de S. Salvador, e na manhã do dia 6 de fevereiro, deixando com saudade os empregados da feitoria portugueza que tão bem nos tinham agasalhado, partiu a expedição, que constava então de perto de trezentas pessoas.

O tempo era o peor de todo o anno para viagens no interior; os caminhos pessimos de natureza, estavam profundamente cavados pelas chuvas torrencias, as gramineas desenvolvidas despejavam pela manhã catadupas de agua sobre nós, e de tarde feriam-nos como navalhas afiadas.

A direcção geral do caminho é a E. e ENE. Da eminencia dos morros admirámos, panoramas esplendidos com horisontes vastissimos. Numerosos cursos de agua cortavam o nosso caminho e dirigindo-se para o N. iam engrossar as aguas do Mpanso. As suas margens eram orladas de uma vegetação de um escuro avelludado encantador.

Tufos de palmeiras elegantes deleitavam a nossa vista.

Todos estes encantos, porém, minoravam diante da reluctancia ou teimosia de um carregador que não queria levar a carga, de outro que fugia, de um terceiro que tinha roubado as povoações vizinhas do caminho, e assim por diante.

Em geral, a vegetação é rachitica, de folhas coreaceas, nos logares elevados. O terreno alto, avermelhado, improprio para grandes culturas, é de aspecto agreste. No primeiro e segundo dia de viagem atravessámos uma região abundantissima em quartzo.

Os blocos d'esta rocha, vistos de longe na encosta dos morros, assemelhavam-se a um rebanho de ovelhas com os seus velos alvissimos.

No quarto dia de viagem entrámos cedo no valle do Alpanze. Descendo das eminencias de Talambanza, povoação que é um verdadeiro

ninho de aguias, e que de ali retirou, porque um meu companheiro entendeu fazer uma obra meritoria arrebatando a essa pobre gente uma collecção completa de manipansos, entrámos no valle.

No logar a que me refiro tem mais de 2 milhas de largura a bacia do Mpouso. Ao andarmos por cima do seu solo ouviamos um som cavernoso, que saía de cavidades profundas. A corrente principal do rio encosta-se á montanha; longitudinalmente, porém, e parallelas á corrente e entre si, affloram a 1 e 2 metros de altura stratificações de calcareo e silex, formando verdadeiros canaes por onde corre agua e lodo.

Para passar, sem nos atolarmos, estes canaes, que são muitos, é indispensavel servirmo-nos dos hombros dos pretos. Sentei-me pois nas espaldas de um hercules africano, lancei as pernas para o peito d'elle e atacámos o primeiro canal, e tudo foi bem. No meio do segundo, porém, o pobre homem, mettido até á cintura em lodo e agua, sente que alguma cousa lhe falta, tenta apoiar se, cae porém, e eu tomo um banho forçado, não precisamente em agua, mas n'uma mistura de agua e terra negra. Grande algazarra, e o caso assim o pedia; ao sair do atoleiro, eu devia ter semelhança com uma estatua que sae da fundição antes que lhe sejam puidas as protuberancias pela lima do artista.

Do valle do Mpouso até S. Salvador a natureza do terreno muda; as camadas vegetaes são mais espessas, a vegetação arborea e herbacea é mais pujante, e claramente conhecemos que enfim entrámos n'uma segunda zona, mais plana é verdade, mas ainda fartamente erigida de morros de fórma conica.

No dia 13 de fevereiro, enfim, tendo atravessado bosques e lagoas sem grande importancia, descobriamos dos montes de Banza e Engonzala, Mongo a Bamba, o vasto outeiro, que se estende muito para O., onde assenta, ou antes onde assentou a famosa capital do reino do Congo. Pouco depois eramos recebidos na côrte, entre gritos de applauso e signaes de contentamento. Tinhamos feito 150 kilometros de mau caminho desde o Noki, e portanto já tinhamos direito a algum descanso.

Actualmente o caminho que de Noki nos leva ao Congo, differe do acima descripto; é talvez um pouco melhor, em todo o caso ambos são maus e é muito urgente procurar outro que offereça mais commodidades.

II

Em 1484, o grande navegador portuguez Diogo Cam levantava na embocadura do grande rio Zaire, corrupção evidente do Zadi, o padrão que era o signal de descoberta e posse dos territorios adjacentes.

Relações de amizade se estabeleceram bem depressa entre o Nisoio, mais tarde D. Manuel e os portuguezes. Por intermedio d'este principe, tio do Muéne ou N'congo, souberam os portuguezes que no interior e não muito distante, uns 250 kilometros, existia um potentado importante e uma grande agglomeração de povos que o cercava.

As naus do descobridor seguiram a sua derrota para o sul. Dado o signal de volta trouxeram ao Tejo a noticia do grande rio e das maravilhas que de certo envolvia no seu mysterioso curso.

Entretanto, o primeiro padre que pisou esse solo do Congo, catechisava como podia o principe do Soioh (*Sonho* dos nossos chronistas) e foi tão feliz que o convenceu da nova doutrina redemptora. Este por seu turno foi á côrte do sobrinho, para o dispor a favor dos portuguezes. O conguese, ou por convicção, o que não parece provavel, ou attraído pela novidade, consentiu que os portuguezes o visitassem e lhe mandassem padres, para lhe ensinarem a doutrina.

Em 1490 chegava á côrte do Congo o embaixador portuguez, acompanhado por uma boa missão de dominicanos, que foram os que primeiro evangelisaram com algum proveito.

Contam ainda hoje os indigenas, que o Nisoio querendo convencer o seu parente e suzerano de que devia abraçar o christianismo, lhe disséra que os novos *nganga a Nzambi*, tinham o poder de tornar novos os que mesmo muito *velhos* recebessem o baptismo.

Segundo affirmam, fez-se a experiencia n'um casal de velhos; o rei mandou-os encerrar n'uma casa bem guardada e na manhã seguinte foi grande o espanto de todos vendo que o resultado correspondia á promessa, no dizer dos indigenas.

Esta tradição pôde ter como origem o seguinte: os pretos, comprehendendo mal, attribuiram ao corpo o que os missionários affirmavam da regeneração espiritual.

D'aqui o quererem todos o baptismo, incluindo o proprio rei, que tomou o nome de João, em memoria do principe portuguez no reinado do qual se fez este descobrimento.

A reacção contra a nova doutrina não se fez esperar muito.

O primeiro rei christão, por mal instruido nas verdades religiosas, ou por outras rasões abandonou o christianismo. Porém, a semente fecunda da doutrina christã germinou exuberantemente no coração de seu filho e successor Affonso Nbnba-a-Nginga. Foi no reinado d'este principe e no dos primeiros successores o periodo aureo do christianismo no vasto reino do Congo, e especialmente na capital.

Senhores, os sentimentos nobres, a dedicação e o desinteresse não são exclusivo da raça branca, da raça civilisada. Encontrámos no Congo um homem de genio, um christão e um heroe. É bem conhecido de

todos esse apostolo que durante um longo reinado evangelizou o Congo.

A veneração que ainda hoje os indigenas têm pelo seu tumulo é uma prova bem saliente do papel importante que desempenhou.

Um preto do Congo sabe o nome de tres reis; o do actual, o do seu antecessor, e o de D. Affonso I.

A criação do bispado de S. Thomé e Congo, em 1533, tendo como limite norte o cabo das Palmas e ao sul o das Agulhas, abriu vasto campo ao zêlo do missionario portuguez. E o missionario marchou impavido, penetrou no sertão, e a civilisação christã irradiou com elle.

Foram creadas missões em Pinda, no Bamba, no Sundi e talvez no Zombo.

Aos dominicanos que iniciaram o grande movimento, seguiram-se em 1505 e 1521, os conegos de S. João Evangelista.

Durante todo o seculo XVI este movimento não affrouxou; se um rei que tanto fez em prol do christianismo, como o Ngunba-a-Ngiuga desapareceu, o zêlo e heroismo dos missionarios, cujas fileiras o clima do Congo fazia rarear, não arrefeceu nem um grau.

Em 1548 apparecem os jesuitas, que fundam um collegio, havendo uns 20 educandos europeus.

É muito para notar o elogio que Garcia Mendes Castello Branco na sua relação do *Reino do Congo* ¹, e outros que do Congo se occuparam, tece aos padres da Companhia. Diz assim: «Por onde não convem outra religião nos ditos reinos do Congo e Angola, se não é a dos padres da Companhia, por respeito que tem differente governo e se sustentarão sem o rei do Congo nem o gentio de Angola terem oppressões com elles». E continúa elogiando-os alem de todos. No meu entender, estes e outros testemunhos mostram bem que aquelles padres eram magnificos missionarios, tanto na Asia e na America, como na Africa.

Mais duas grandes missões de dominicanos, sendo a ultima em 1610, reforçam e substituem as que a morte tinha ceifado.

Em 1584 partem para o campo da batalha pela civilisação, os carmelitas descalços; e durante todo o seculo XVII, pelo menos quatro numerosas missões de capuchinhos, que tanto fizeram pelas nossas glorias africanas ali manifestaram o seu zêlo.

Não esqueçamos que ao lado do clero das ordens religiosas estava tambem o clero secular. Duarte Lopes diz que no tempo do rei Pedro I existiam na igreja de Santa Cruz, que servia de sé, vinte e oito con-

¹ *Memorias do ultramar*, por Luciano Cordeiro.

gos, diaconos, órgão e tudo o que era necessario ao esplendor do culto.

O desenvolvimento progressivo das missões do Congo fez que, em 1596, Filippe II de Hespanha e I de Portugal, desmembrasse, de accordo com a Santa Sé, do bispado de S. Thomé, o do Congo e Angola, dando-lhe limites extraordinariamente vastos, limites que ainda hoje se devem olhar como existentes.

As virtudes e o zêlo de D. Affonso e de mais alguns successores foram esquecidas, e os reis tornaram-se ou perseguidores ou indifferentes; voltaram aos antigos habitos e costumes. Os missionarios, por outro lado, affrouxaram no seu zêlo algum tanto, luctando com um clima mortifero e vendo o pouco fructo das missões, preferiam empregar os seus trabalhos no Oriente e na America. Em 1617 o governo portuguez decreta a creação de um seminario para educação do clero indigena, e insta com o papa Paulo V, para enviar alguns missionarios capuchinhos ao Congo. Alguns annos antes, em 1607, provavelmente, na *Relação da costa da Guiné*¹, um anonymo, fallando da introduccão do christianismo no Congo dizia fallando do rei: «...e apoz elle, muitos senhores e povo d'aquelle reino, que até hoje se conservam na fé christã, posto que com menos doutrina do que seria rasão, por falta de ministros ecclesiasticos, que os naturaes muito desejam, e pôde-se applicar-lhe *parvuli petierunt panem et non erat, quis frangeret eis*».

Antes do meiado do seculo XVII cria-se dentro do bispado do Congo e Angola a prefeitura apostolica do Congo servida pelos capuchinhos. Os bispos do Congo preferem viver em Loanda, que Novaes funda, repellindo o rei Ngola para o interior. A fraqueza sempre crescente dos rei do Congo e as invasões de povos mais bellicosas dão logar a uma serie de guerras que põem a vida dos missionarios em risco.

Na ultima metade do seculo XVII começa a notar-se falta de novas remessas de missionarios.

Durante todo o seculo XVIII o mal augmentou. Em 1778 parte uma grande missão de *barbadinos*, e pouco depois o grande ministro Martinho de Mello envia vinte missionarios ao Congo, com o indigena d'aquelle paiz André de Castro Godinho; bacharel em canones. Na minha viagem a Bembe encontrei na povoação chamada Kinganga, nas margens do rio Mbidche, os beviarios e alguns papeis pertencentes a este missionario. No ultimo quartel do mesmo seculo ainda foi enviada pelo mesmo ministro outra missão composta de dez missionarios.

¹ *Memorias do ultramar*, por Luciano Cordeiro.

Depois que os barbadinos italianos abandonaram o Congo, o rev. bispo de Angola continuaram a enviar á antiga séde do bispado um ou outro missionario, que ali se demorava algum mez, e muitas vezes nem isso, voltando em seguida a Loanda. É bem de ver que estas missões nada aproveitavam, e serviam apenas para dizermos na Europa que missionarios portuguezes percorriam o Congo, representando comtudo para os que as desempenhavam uma grande somma de sacrificios.

Foi pelo menos até meado do seculo XVII tão intensa a acção missionaria portugueza no reino do Congo, que apesar das transformações e do quasi abandono ainda hoje ella se sente.

O esforço e o zêlo dos missionarios levantou na capital do Congo em honra de Deus os seguintes templos, cujas ruinas nos são hoje marcadas entre as grandes hervas por alguns comoros pouco elevados, exceptuando a antiga Sé, que conserva alguns pedaços de muros levantados e o arco da capella mór em perfeito estado de segurança.

Existiam em S. Salvador os seguintes templos, cujas ruinas visitou antes das ultimas guerras do Congo, o sr. Alfredo Sarmiento em 1856: Santa Sé Apostolica, S. Miguel, Nossa Senhora da Conceição, S. Thiago, Vera-Cruz, Nossa Senhora do Rósario, S. João Baptista, S. José, Espirito Santo e as igrejas dos jesuitas, do convento dos Capuchinhos e da santa casa da Misericordia.

Esta relação que nos é fornecida pelo sr. Sarmiento é perfeitamente exacta; e muitas vezes m'a repetiu o actual rei do Congo, designando todos os logares d'estes templos.

Nos fins do seculo passado uma princeza do Congo declarava em seu testamento que o seu corpo devia ser conduzido na tumba da misericordia, acompanhada com as cruces e juizes da mesma casa, e que emfim se celebrassem por sua alma umas tantas missas.

Nas immediações de S. Salvador existiam umas sete parochias de que hoje não apparecem vestigios alguns.

*

* *

Esta resumida resenha dos trabalhos missionarios no Congo e especialmente em S. Salvador, trabalhos supportados com heroica coragem, mostra-nos que esses trabalhos não alcançaram recompensa condigna. O christianismo não penetrou fundo, passou como as chuvas torrencias, que apenas humedecem a primeira camada deixando o subsolo resequido e esteril. É duro confessal-o, mas é verdade: o chris-

tianismo não assimilou o indigena e deixou apenas tradições da sua passagem entre as populações do Congo.

Causas bem differentes deviam influir n'este desastre.

Eu apontarei apenas as principaes.

Em primeiro logar, nas sociedades grosseiras, e mesmo nas que o não são, o poder do exemplo fortissimo seduz, arrasta.

Os missionarios prégariam, sem duvida, que os homens eram irmãos, que foram remidos todos no sacrificio cruento do Calvario; tratariam com carinho e bondade os seus subditos, como o indica ainda hoje o facto de povoações que pertenceram aos missionarios, nas quaes os pretos dizem sem reboço que eram escravos dos mesmos, notando-se que a maior offensa que se póde dirigir a um congo é appellidal-o assim.

Ao lado, porém, do missionario que levava o verbo redemptor á raça desprotegida, estava o comprador de homens, o que estrangulava os laços que prendiam o filho ao pae, e a mãe á filha, o despovoador da região, o destruidor de todos os affectos, o homem sem coração, que ganhava punhados de oiro vendendo aquelle que a religião lhe dizia ser seu irmão.

Os portuguezes não inventaram a escravatura, que é muito anterior a elles, apesar de que já alguém lhes importou esse crime; exerceram-na porém como todos os povos europeus, e quicá com mais brandura que alguns. As leis admittiam este aleijão social, os costumes não se irritavam, e um traficante de carne humana passava por tão honrado, como o que vergava aos excessos de fadiga e trabalho para ganhar o pão de todos os dias.

Nem por isso, porém, era menor o pessimo exemplo que d'esté facto resultava para a civilisação do preto. Elle via, comparava, na sua intelligencia rude, a doutrina com as obras e encontrava que colidiam. Emquanto o missionario lhe ministrava as aguas lustraes do sagrado baptismo, e proclamava a alta dignidade de filho de Deus pela graça e herdeiro da gloria celeste, um outro homem que tinha a mesma fé e o mesmo baptismo contava mais uma *peça* no seu rebanho.

Durante annos sem fim, foi o commercio de homens quasi o unico que tivemos com o Congo. Se exceptuarmos algumas esteiras vindas de Macuta, e *mabellas*, com pouco marfim, todo o commercio era alimentado á custa da despolação do paiz.

A celebre inquirição mandada tirar em 1548 em S. Salvador, pelo rei do Congo, documento notavel a todos os respeito, o qual o illustre secretario perpetuo d'esta Sociedade arrancou ao pó dos archivos¹, dá-

¹ *Memorias do ultramar*, por Luciano Cordeiro.

nos as mais interessantes noticias com respeito a este commercio. Por elle sabemos que existiam no Congo mais de dez europeus exportadores de *peças* (escravos); que ao porto de Pinda iam de S. Thomé cada anno de doze a quinze navios, cada um dos quaes carregava de quatrocentos a setecentos escravos, e que os negociantes soffriam grandes prejuizos nos que morriam na embocadura do Zaire; pois este numero de navios era insufficiente para conduzir todos os que esperavam embarque, chegando a travar-se rixa entre a gente de bordo e os exportadores, que queriam por força que lhe transportassem todos os que tinham.

As cousas chegaram a tal excesso, que um ou outro portuguez apontava a ruina eminente do paiz; esses brados da rasão e da justiça eram porém abafados e o seu echo expirava estrangulado no meio do tumultuar iufrene de interesses deshumanos e egoistas. Esses tempos felizmente passaram, mas os principaes effeitos que de taes factos se derivaram obstaram á civilisação christã de Africa e ainda hoje penduram, difficultando-a.

D'onde vem, senhores, essa antipathia, essa desconfiança, que se nota da parte do preto para com o branco, antipathia que nós classificámos com o epitheto de *odio de raça*, e que no meu entender é apenas o echo longinquo das sevicias e maus tratos do europeu, empregados para com uma raça que elle explorava? Foi sem duvida a escravatura uma das causas que mais efficaçmente obstava ao christianismo, mas não foi a unica.

A organização das missões d'aquella epocha deixava muito a desejar, como ainda hoje acontece a todas as que luctam com falta de pessoal. Refiro-me á falta do elemento feminino na educação da mulher indigena. Por mais zêlo que o missionario empregue na educação da preta nunca conseguirá o que consegue a irmã educadora.

A falta de um clero indigena de que logo tratarei, e a mudança de séde do bispado para a capital da provincia tambem deviam influir para o resultado que notâmos.

Acima, porém, de todas estas causas estava uma mais forte, a qual se não podia remover nem com o zêlo, nem com o desinteresse, nem com os recursos; estava o clima, e este, forçoso é dizel-o, continuará por muito tempo ainda a rarear as fileiras dos que tentarem chamar ao convivio da civilisação as populações do Congo. No Congo a tradição indica-nos numerosas sepulturas de missionarios e até de bispos que ali sucumbiram pelejando o bom combate. Um dos padres da Companhia de Jesus ao retirar de S. Salvador, depois de ter sepultado os companheiros e parte dos educandos que ali levaram, escrevia: «O clima está em perfeita harmonia com a immoralidade dos habitantes»; se não

são estas as palavras, é esta a idéa. É o testemunho de um pessimista, é verdade, mas é um testemunho.

É o Congo um d'esses logares em que a civilisação para penetrar luctará com grandes obstaculos. Os revezes passados, porém, serão motivo para desanimar e para o abandono? De nenhum modo; os revezes devem ser para nós lições preciosas, das quaes poderemos tirar grande proveito para o futuro.

SEGUNDA PARTE

I

Digâmos duas palavras do Congo actual.

Banzá Congo, a S. Salvador dos portuguezes, a celebre capital do outr'ora extensissimo reino do Congo, está situada em 6° 20' 10" latitude S. e 14° 47' 18" E. Alguns chronistas portuguezes e quasi todas as cartas estrangeiras, mesmo modernas, dão á capital do Congo, como nome indigena anterior á descoberta portugueza, o de Ambasse ou Ambassi. Por mais diligencias que empreguei não me foi possível encontrar entre os indigenas, vestigios de tal nome, que nem sequer existe na lingua do paiz. Diz algures o illustre secretario perpetuo da Sociedade de Geographia de Lisboa, sr. Luciano Cordeiro, que este nome se derivou de *bagi a Nkano*, logar onde o rei do Congo administrava justiça. Em lingua do Congo, *bagi a Nkano*, é o acto de administrar justiça e tudo o que se refere a este fim; é não só a sentença, mas tambem o processo. *Bagi a Nkano*, chamam os indigenas aos halos do sol, affirmando que quando apparecem está no céu Deus julgando os que têm morrido. A palavra *Bagi*, só de per si significa fóra e amanhã, e junta por exemplo com o verbo *Kuenda* faz *Kuenda Kuna Kua mbagi*; sáe para fóra. Nada pois admira que os ouvidos dos primeiros exploradores, pouco habituados á structura da lingua, formassem por exemplo das palavras *bagi i Kongo* é terreiro em todas as povoações do Congo, por uma facil corruptela a palavra Ambassi, parte da povoação e pela povoação inteira.

Duarte Lopes, que é minucioso em tudo que se refere á capital, não nos falla d'este nome, dizendo apenas que se chamava Banza, nome que actualmente designa todas as povoações de certa importancia, especialmente áquellas d'onde saíram pequenos grupos de novos povoadores que se conservam na dependencia do soba principal.

Poderia com certa rasão perguntar-se porque escolheram os indigenas para capital do vasto imperio do Congo a Banza d'este nome, e não um logar proximo do rio Zaire, que teria muitas vantagens para

os mesmos. Em primeiro logar todos os povos primitivos procuraram os logares defendidos pela natureza, e Banza-Congo é um d'estes pontos. Em segundo logar essas vantagens, existem apenas para elles depois que têm contacto com os europeus; enquanto o oceano não gemia debaixo da quilha dos nossos navios, nem as enseadas eram exploradas pelos nossos negociantes, que vantagens adviriam ao preto em a assentar á beira-mar, ou na margem do rio? Nenhuma; a não ser a da pesca, e o preto congo não tem tendencia para ella.

O que se póde affirmar é que um bom criterio presidiu á escolha da localidade, pois que seria muito difficil encontrar na parte de Africa, que eu conheço, e até impossivel, um local que reunisse tão grande numero de condições favoraveis como aquelle em que assenta S. Salvador. Imaginemos um grande circulo formado de altas montanhas divididas entre si por profundos sulcos onde se levantam colossaes representantes do reino vegetal; no centro d'este circulo colloquemos um elevado massiço com 7 kilometros de comprimento na direcção N. S. e estendendo-se muito e docemente para W. a E. n'um profundo valle com o desnivelamento de 250 metros para dar passagem a 1 kilometro da povoação, ao pequeno rio Laegi, e teremos approximadamente a topographia de Banza-Congo ou S. Salvador.

Comparando o que nos diz Duarte Lopes da antiga povoação, com a actual, encontrâmos um abysmo de differença, podendo ainda assim reconstruir-se parte das maravilhas que nos descreve.

Do recinto murado a NW. que servia de abrigo aos portuguezes, bem como do fronteiro a NE. em que vivia o rei, ambas construcções colossaes para o logar, de Affonso I Necumba ou Ngimba, restam apenas alguns pannos de muro em completa derrocada. Os comoros formados pelas pedras caídas, comoros que se assimilham a python phantastico em degestão laboriosa, attestam o magnitude d'essas construcções.

Ao centro dos dois recintos eleva-se a capella mór da cathedral, conservando o arco cruzeiro a firmeza dos primeiros dias.

Do lado do NE. as ruinas são menos salientes, mas bem visiveis.

O logar das antigas igrejas desenha-se no meio dos altos capins; a pedra de todas esses templos erguidos á gloria de Deus, serviu ha um quarto de seculo, na epocha das ultimas expedições militares, para fazer um fortim octagono com angulos reintrantes e capacidade para 260 homens.

Este fortim, situado no extremo SSE. do planalto, domina completamente o valle do Lueje, e é invulneravel por este lado.

Todos os edificios internos e dependencias estão por terra, apesar de modernos. A fortaleza necessita apenas de alguns reparos faceis.

Assisti durante oito annos á resurreição de S. Salvador.

Quando em 13 de fevereiro de 1881 entrava no lugar da antiga cidade com os meus companheiros, tudo quanto nos rodeava era espantoso, indefinível, desanimador.

Uma população que não excedia 600 almas, pobre e abatida, occupava o lugar onde existiram as côrtes de D. Affonso, o Namba-a-Nguinga e D. Diogo, o «Magnanimo».

As populações vizinhas, inimigas ou indifferentes, as relações com as antigas provincias, rotas e sem esperança de serem soldadas; o commercio completamente arruinado, e lingua portugueza a tocar as raias do esquecimento; e para cumulo do infortunio, ahi existia já o elemento europeu a escarnecer de nós e a arrancar as ultimas raizes da nossa antiga influencia agonisante; era o que se apresentava sinistramente diante de nós.

Este estado de cousas, que nada tinha de brilhante, explica-se facilmente.

As expedições de 1859, desthronando o Dongo intruso, afugentaram todos os partidarios do mesmo, isto é, toda a antiga população de S. Salvador, e parte da circumvizinha. O preto admite com facilidade os factos consummados; o Dongo era rei de facto. Apenas a povoação de Banza-a-Mputo, proxima de S. Salvador, e as da Madimba, onde residia o legitimo herdeiro do Congo, segundo o direito indigena, secundavam os esforços do Catende Elelo, actual rei.

Tomada emfim Banza-Congo, não sem grandes sacrificios, as povoações do S. vencedoras, voltaram aos seus lares, e as que existiam em S. Salvador deslocaram-se para O., ficando a antiga Banza habitada por poucos individuos que acompanharam o novo rei.

Este nucleo de população foi crescendo até que ahi por 1873 ou 1874 uma forte invasão de variola a reduziu muito, concorrendo para isso poderosamente, como reforço ao flagello, a feitiçaria e a estupidéz.

Foi poucos annos depois d'esta razia que a nossa missão se estabeleceu em S. Salvador. D'essa epocha data um sensivel augmento de população, e se não posso dizer como Duarte Lopes, que também ahi chegou depois de uma razia ainda mais terrivel, a invasão dos jagas, que a cidade tem 10:000 almas, posso comtudo affirmar que deve attingir a cifra importante de 3:500 almas, o que me não parece pouco, attendendo ao tempo e á pequena densidade da população do Congo.

Para este resultado concorrem causas differentes: apontarei as principaes.

A protecção que a nossa missão sempre dispensou aos desgraçados, interpondo perante o rei a sua influencia, o qual não matou nem vendeu um só homem, posteriormente á nossa chegada, não devia concor-

rer pouco para attrahir a S. Salvador individuos que sentiam a cabeça pouco segura nas povoações vizinhas. Os medicamentos e carinhos dispensados a todos os doentes, que depois de muita demora se resolviam a fixar definitivamente o seu domicilio em S. Salvador, tambem devia ter a sua influencia.

Alem d'isso, o trabalho que a missão dava a quantos o procuravam, proporcionando-lhes assim uma escola de trabalho retribuido, tambem valeu, de certo, para isto, por alguma cousa.

Como não é minha intenção fazer o panegyrico da missão, não insistirei mais sobre este ponto.

Por outro lado, o caracter brando e mesmo bondoso do rei, que não só não castiga, mas nem mesmo obriga os seus subditos a trabalhar, o que é lamentavel, porque assim se perdem muitas forças que se podiam transformar em riqueza publica, tambem foi um facto importante, sem duvida.

O estabelecimento porém, de feitorias commerciaes, teve uma influencia indirecta mas decisiva.

Em 1882, M. Honorato Protech abria por conta de M. Daumas Berout & C.^a, de París, a primeira feitoria em S. Salvador.

Seja-me permittido dizer aqui, que ainda hoje sinto orgulho em ter, contra a opinião de todos, empenhado os maiores esforços, força de vontade e a pequena influencia de que dispunha, removendo todos os obstaculos que podessem contrariar esta empresa, que sempre se me antolhou decisiva para a prosperidade de S. Salvador.

O exemplo estava dado, devia ser seguido.

A casa portugueza do sr. João Luiz da Rosa accede ás instancias da missão, e em 1883 cria uma casa commercial em S. Salvador, e no anno seguinte faz o mesmo a forte companhia de Rotterdam, vulgarmente conhecida na costa por «casa hollandeza».

Fica assim a capital do Congo com tres feitorias, recebendo um commercio regular, e com elle a riqueza e a vida.

Deixando os annos anteriores a 1884, tomemos alguns dados referentes aos ultimos quatro annos. A média da permuta é representada por 6:000 kilogrammas de marfim e 30:000 ditos de borracha.

Estes productos na Europa devem ter sido vendidos pouco mais ou menos por 50:000\$000 réis. Os costumes ou contribuição paga ao rei deve valer em mercadorias 360\$000 réis.

Para transportar as fazendas, os productos; e para o serviço das missões catholica e protestante, são empregados annualmente uns 4:000 a 5:000 carregadores, que recebem como pagamento um valor approximado ao de 9:000\$000 réis em mercadorias.

É certo que uma boa parte d'estes valores são levados para longe;

não é porém menos certo que em S. Salvador e cercanias fica a parte principal, tornando estes povos relativamente ricos.

É para notar que o movimento commercial seria mais importante se tivesse havido sempre um caminho desimpedido e segurança para as transacções, e sobretudo se houvesse um caminho para bois ou muares, uma estrada carreteira.

Infelizmente o caminho é pessimo, o unico meio de conducções é o hombro do preto, e os povos marginaes nem sempre deixam passar livremente os carregadores, apesar de receberem um certo pagamento pela passagem dos rios, etc.

Em S. Salvador, como no Zaire e na costa, o commercio que vem do interior é em geral vendido nas casas commerciaes por intermedio de interpretes ou linguesters, que fallam o portuguez.

Fazem dois ajustes, o primeiro com o europeu, e o segundo com o preto do interior; o primeiro fica sempre dependente do segundo, acontecendo muitas vezes que o preto do interior não o sanciona por encontrar que é fartamente roubado.

O linguester consegue quasi sempre que lhe fique uma boa porção do pagamento; algumas vezes quasi um terço. É verdade que estes interpretes fazem tambem despesas consideraveis, já enviando espingardas raiunas, fazendas e aguardente ás regiões productoras, já sustentando á sua custa os individuos que conduzem os generos, que são sempre em maior numero do que os indispensaveis, o que é penoso n'um paiz pobre.

Este costume, de um intermediario para todas as transacções, que só é prejudicial aos capatas ou senhores dos productos, os quaes algumas vezes ficam litteralmente depennados pela astucia do linguister, é levado tão longe no Congo, que um qualquer estranho para vender um cabrito ou uma gallinha, chama ou se lhe offerece um d'estes interpretes, o qual tem logo o cuidado de prevenir o europeu, em segredo, da conta que deve fixar para elle *comer*; é textual.

O resultado é ser o possuidor defraudado em beneficio de um sujeito que vive na ociosidade, com aquillo que de direito a outro pertencia.

Sempre me insurgi contra este modo de roubar o proximo, e para as compras menos importantes o costume vae caíndo, já porque uma parte dos vendedores conhece o portuguez, e já porque os europeus conhecem o Congo.

Todas as transacções são feitas por meio de troca; para as importantes e verdadeiramente commerciaes, a unidade de valor para troca, é a espingarda de ferro, a espingarda de fazenda e o arame; e para as transacções pequenas e ordinarias é o *coral matadi*, que são uns vidrilhos azues, como contas de rosario.

Os generos coloniaes que affluem a S. Salvador são o marfim e a borracha, com algum café vindo do Bembe.

Os dois artigos primeiro mencionados, saem da região vizinha do Stanley-pool e mais ainda da região a E., comprehendida entre as bacias do Quango e Cassai, e ás vezes de mais longe. Em geral os mexicongos não vão commerciar a estas regiões; os azombo, raça eminentemente traficante, servem-lhes de intermedio.

O indigena do Congo em geral, ou compra a borracha aos capos nas grandes quitandas (mercados) do Zombo, ou entrega as suas fazendas aos Zombos para que lh'as vão permutar ao Pumbo (região da Takula) á Jaka, e outros sertões situados ao N. e N E.

Os indigenas d'estas regiões têm pronunciada tendencia para o negocio; é talvez esta a sua feição característica. A industria é quasi nulla; a agricultura só digna de mulheres. Demais, o preto em geral ama as viagens; portanto, a procura de productos favorece as suas tendencias nomadas, que accusam uma epocha recente de fixação territorial.

Como acima notei, as casas commerciaes tiveram uma grande influencia no crescimento da população. As fazendas passadas para as mãos dos pretos, em pouco tempo se transformaram em seres animados, isto é, em homens. Conheci individuos que não possuíam um muleque e hoje têm dezenas.

É a mania do preto comprar o seu semelhante; constitue para elle a maior ventura.

Assim como na Europa muitos fazem sacrificios para accumular um peculio que garanta os filhos da miseria, assim o preto faz sacrificios muito maiores para comprar escravos, não se importando com o que virá depois.

Vae, se é preciso, mutuar por um juro excessivo, porque o preto é usurario, não para comer, não para se vestir, pois com pouco se contenta, mas simplesmente para comprar os individuos que do interior vem a vender.

Em S. Salvador, os pretos comprem homens, mas não os vendem; e assim em poucos annos foi a população quintuplicada. Este movimento continúa, e não sobrevindo alguma causa imprevista, em poucos annos será S. Salvador um grande centro de população no interior.

No Congo, as agglomerações de população são insignificantes, e tudo não se póde dizer que a população seja pequena. Tenho poucos dados para avaliação, penso, porém, que não irá longe da verdade quem affirmar que dará uma média de 6 a 7 individuos por kilometro quadrado.

Esta população está disseminada e dividida em povoações quasi microscopicas, facto que a meu ver se explica pela tendencia fortissima que leva o preto a querer parecer grande e importante no meio dos

seus, e pela falta de um poder central forte, que dêsse a este movimento outra orientação.

Todo o individuo que se julga com certo poder, e possuidor de alguns escravos e mulheres, vae logo fazer uma povoação de que se intitula soba e senhor, Nfumu.

Este facto dá-lhe direito a resolver questões, abundante fonte de receita, gosar as doçuras de um immundo serralho e outras garantias que constituem o cumulo da felicidade ideal do africano.

As povoações principaes «banza», são a colmeia de onde enxamei as povoações mais pequenas.

A maior povoação que encontrei no interior foi na Macuta. Uma só banza chamada Ntingua, tinha mais de 3:000 almas; pois só d'esta povoação n'um periodo de dez annos, com grande sentimento do soba, que todo se lastimava, tinham saído nada menos que os povoadores de sete aldeias novas, acaudilhados por individuos atrevidos, que não quizeram soffrer mais as ordens dos seus antigos sobas.

A tendencia geral é para a descentralisação, e se em S. Salvador se tem dado o contrario, provém das causas apontadas acima.

II

Quem, partindo de Noki, a que o indigena tambem dá o nome de Boma, e transpondo os altos montes que formam as barreiras do Zaire, penetrar em uma região fortemente accidentada, se attender na disposição geral das montanhas, facilmente conhecerá que se vae elevando gradualmente até que em S. Salvador encontra uma altitude de 562 metros sobre o nivel do mar em Banana. Esta altitude, muito grande, se a compararmos com as regiões do N. como Stanley pool, deve ter uma influencia muito importante sobre a climatologia de S. Salvador e districtos vizinhos.

N'estas regiões do Congo, debaixo do ponto de vista climaterico, o anno póde dividir-se em quatro estações; apenas duas, porém, são bem caracterisadas: a do cacimbo ou secca, e a das chuvas. As outras duas são secundarias, e não é muito raro o faltarem completamente, sobre tudo a da pequena estiagem. Esta coincide geralmente com os ultimos dias de dezembro e prolonga-se até fins de janeiro e ás vezes muito alem; durante este largo periodo de seccura relativa apparece quasi todos os annos uma ou duas chuvadas. Nos annos regulares cáem as primeiras chuvas nos fins de setembro, sempre porém pouco abundantes nos primeiros mezes.

Em 1884 principiaram as chuvas a 4 de outubro e terminaram em 4 de junho. Em 1885 caíram as primeiras gotas de agua em 20 de se-

tembro e as ultimas em 14 de maio. Em 1886 choveu pela primeira vez em 20 de setembro e terminou em 21 de maio. Esta regularidade repete-se todos os annos; é quasi constante.

Os mezes em que maior quantidade de agua cáe, são abril, março e maio; n'estes tres é o primeiro que é de ordinario representado por uma percentagem superior a 400 millimetros.

A quantidade de chuvas varia muito de anno para anno, e quando não attingir 800 millimetros será um anno pessimo para a cultura indigena.

Nos ultimos annos no Congo tem havido quasi fome. Este estado de cousas data de 1883, epocha em que as chuvas começaram a escassear. Em 1886 caíram apenas 653,3 millimetros de agua.

Basta que a chuva seja pouco abundante, ou mesmo que se desloque um pouco a epocha da sua chegada, e faltará a *nguba* (*arachis Epogaea*); o indigena soffrerá muito na sua alimentação.

Se nos lembrarmos das grandes difficuldades com que ainda ha pouco teve de luctar Stanley para alimentar o pessoal da expedição, em soccorro de Emir-pachá, na região das primeiras cataratas, formaremos uma idéa de quanto é terrivel a falta de chuvas regulares nas regiões equatoriaes.

Como vimos, as chuvas ordinariamente principiam em setembro e terminam em maio. Pigafetta ou Duarte Lopes dizem que são «continuas nos mezes de abril, maio, junho, julho e agosto». Nem as chuvas são continuas, mesmo nos mezes em que são mais abundantes, nem chove nos mezes indicados, se exceptuarmos os dois primeiros; portanto ou foram exagerados, ou as estações se deslocaram, o que é menos provavel.

Em geral as grandes chuvas são acompanhadas de phenomenos electricos violentos: as arvores fendidas pelo raio, bem como as desgraças pessoaes não são extremamente raras. É para notar que o preto teme menos que o europeu as grandes convulsões da natureza, assiste a estas manifestações de forças colossaes e terriveis sem que um musculo se lhe contraria.

Nos mezes das grandes chuvas ha noites de uma belleza selvagem inexciveis. Então o homem sente-se pequeno e o seu orgulho é obrigado a confessar que só Deus é grande.

O fundo negro de grossas nuvens prenhes de agua e electricidade, alumiadas em todas as direcções pelo continuo fuzilar do relampago, acompanhado pelo ribombar medonho do trovão, que abala todos os edificios, e cujo ronco se prolonga até ás entranhas da terra, deixando-nos mudos de admiração; sente-se e não se descreve. Então grossas gotas de agua, desprendendo-se das nuvens com violencia extrema, convertem o solo n'um verdadeiro lago. Foi durante uma d'estas avalanches de agua que em 1883, em menos de uma hora, o pluviometro do nosso posto meteorologico recolheu 197 millimetros de agua!!

Nas pequenas chuvas e nos ultimos dias das grandes é muito commum principiarem as trovoadas dos quadrantes W. e NW; é signal evidente de que as trovoadas e chuvas serão insignificantes; as verdadeiras, as importantes vem sempre dos quadrantes E., NE. e SE., impellidas por lufadas de vento de grande violencia, sempre pouco duradouras.

Na estação secca os ventos são quasi constantes, porém muito brandos. Sopram quasi constantemente de W. e NW.

Esta estação é principalmente caracterisada pelo cacimbo, que principia no fim de maio para terminar ao cair das primeiras chuvas em setembro. Em S. Salvador o cacimbo é tanto ou mais denso que os nevoeiros das margens dos nossos rios. Muitas vezes a distancia de 7 ou 8 metros mal enxergâmos os objectos que nos rodeiam. De ordinario principia antes do levantar do sol e só termina das nove ás onze horas para dar logar a um sol ardente.

A estação secca é tambem caracterisada pelas altas pressões barometricas. A marcha diurna do barometro é muito mais constante do que nos mezes de chuva e a amplitude das oscillações é muito menor. A maxima pressão diurna coincide pouco mais ou menos com as nove horas da manhã para ter o seu minimo ás tres da tarde.

Fiz poucas observações nocturnas, as que fiz porém permittem-me affirmar com o dr. Chavanne, que ha um maximo secundario pela meia noite e um minimo pelas quatro horas da madrugada.

A media annual da pressão foi em 1886 de 713^m,09, e em 1887 foi de 713^m,33, uma differença insignificante, como se vê. Os outros annos observados afastam-se pouco d'estas medias. As maiores pressões observadas durante cinco annos foram ás nove horas da manhã dos dias 22 de julho de 1886 e 22 de agosto do mesmo anno, que attingiram 717^m,84. A marcha do barometro no dia 22 de julho foi a seguinte: ás nove horas da manhã, 717^m,84; ás doze, 716^m,51; ás tres da tarde, 714^m,11; ás nove da noite, 715^m,67.

As pressões minimas foram observadas a 7 de fevereiro de 1886, dia em que ás tres horas da tarde o barometro marcou 707^m,95. N'esse dia a marcha foi a seguinte: ás nove horas da manhã, 711^m,60; ás doze, 710^m,60; ás nove da noite, 711^m,77.

*

* *

As variações thermometricas não são menos consideraveis.

A opinião de que nas regiões tropicaes e especialmente n'aquellas que se approximam do Equador, a temperatura é quasi constante, não

só não se coaduna com as observações feitas, mas está em completa contradicção com ellas.

Nos mezes de julho e agosto quem vive em S. Salvador necessita agasalhar-se, se o não fizer tiritar de frio e póde esperar a visita de uma pneumonia.

Em 1886 a media das minimas annuaes foi de $18^{\circ},3$ e no anno seguinte de $17^{\circ},7$. Os mezes em que temos as medias mensaes minimas são julho e agosto; assim em 1886 temos para julho $15^{\circ},1$, e para agosto $15^{\circ},2$.

Em 1887 em julho a media das minimas foi ainda mais baixa que no anno antecedente, pois dá-nos para julho $13^{\circ},6$ e para agosto $14^{\circ},2$.

A media das maximas foi em 1886 de $28^{\circ},7$ e em 1887 de $28^{\circ},5$, pequenissima differença.

Em 1886 foi fevereiro o mez mais quente de todo o anno, pois nos dá a media de $31^{\circ},5$; e em 1887, março que nos apresenta $30^{\circ},9$.

Em geral as medias maximas coincidem com os mezes de fevereiro, março e abril e as minimas com junho, julho e agosto.

A media absoluta foi em 1886 de $23^{\circ},5$ e em 1887 de $23^{\circ},1$.

As maximas diarias dão-se das duas horas e meia da tarde ás tres e meia; e as minimas das quatro ás quatro e meia da madrugada.

As mais altas temperaturas foram observadas em 1886 no dia 24 de janeiro e 29 de março, em que o thermometro marcou $34,5$. Em 1887 foram os dias 4 de outubro e 1 de abril, que nos deram $34,2$.

As mais baixas foram observadas em 1887 nos dias 22 de dezembro e 13 de julho, em que encontrámos no primeiro $10,2$ e no segundo $10,3$. É para notar que n'este mesmo dia a maxima foi de 30° ; temos portanto entre maxima e minima uma differença de $19^{\circ},8$.

Parecerá sem duvida estranho que n'um mez, como dezembro, em que o calor já é grande, appareça o dia mais frio de todo o anno. Isto acontece algumas vezes, devido não sei a que causas. Em mezes de calor e até de chuva apparecem dias frios que prejudicam altamente a saude, tanto do europeu como do indigena.

As differenças psycrometricas tambem são notaveis, a maior foi observada em 1886 ás tres horas da tarde, de $12^{\circ},4$. Ha muitos dias em que passa de 10.

A evaporação é mais activa nos mezes seccos; raramente passa de 10 millimetros e é mais raro ainda descer de 5. Oscilla entre estes dois numeros.

Em 1886 os mezes de maior evaporação foram março e setembro que nos dão as respectivas medias de $8^{\text{mm}},92$ e $7^{\text{mm}},94$.

Em 1887 foi tambem em março e setembro que foi mais activa, apresentando-nos $6^{\text{mm}},42$ e $6^{\text{mm}},87$.

Acontece algumas vezes que toda a evaporação é compensada pelo cacimbo de manhã, não a accusando portanto o udometro.

Não é muito raro, porque já o presenciei por tres vezes, vermos durante as grandes trovoadas cair granizo em S. Salvador, e uma vez em grande quantidade.

Chamou a minha attenção a differença de fôrma da crystallisação: em vez da fôrma redonda ou espheroidal tinham os granulos a fôrma de bagos de uvas bem passadas.

Em muito tempo puz em duvida a existencia da saraiva nas regiões equatoriaes, a experiencia e a observação vieram mostrar que não havia fundamento para taes duvidas, e que realmente existe.

Pelos dados que apresentei sobre as condições climatologicas do Congo, dados que os estudiosos podem consultar miudamente na collecção das observações do observatorio meteorologico de Loanda ou do Infante D. Luiz, poder-se-ha avaliar do clima do Congo.

Já tive occasião de o dizer n'um relatorio e hoje repito-o: o clima do Congo, principalmente o do interior, nem é tão bom como o pinta o entusiasta Duarte Lopes, nem tão mau como outros o têm apresentado.

Os nossos illustres exploradores Capello e Ivens, cuja opinião é de tão subido valor sobre o assumpto, affirmam no seu livro *De Angola á contra-costa*, que todo o nosso esforço colonizador caiu extenuado perante o clima do Congo.

S. ex.^{as} têm razão. O Congo pertence a uma zona eliminadora, o europeu não póde ahi exercer trabalhos penosos. Nunca poderá ser agricultor, expol-o ao sol ardente e ás intemperies seria aniquilal-o. Poderá, porém, prestar bons serviços, dirigindo os indigenas, e se tiver em consideração os preceitos geraes de hygiene tropical, poderá viver ahi regularmente.

Colonisar o Congo pela agricultura europêa, é uma utopia, que teria como consequencia a perda irremediavel de muitas vidas e muito dinheiro.

O nosso esforço deve dirigir-se á civilisação do indigena pelas missões, pelas escolas, pelo commercio, emfim, por todos os factores moraes e materiaes do progresso.

Terei mais adiante de me occupar de missões, e ahi direi o que em minha opinião ellas devem ser. Entretanto repetirei como Tisdal: «Um preto com certa instrucção e mediocre conhecimento da lingua fiota, póde fazer entre os naturaes o que o branco nunca fará», e como os srs. Capello e Ivens: «E esse preto, que nós prepararmos nos logares salubres será o unico colono capaz de adaptar-se n'aquelle ponto, o unico capaz de ter predomínio no Congo». Da minha parte

acrescentarei: «S. Salvador e alguns pontos a SE. parecem-me convir para preparar esse preto, o unico colono possivel n'esta região».

III

Tendo dado uma idéa muito succinta do clima do Congo, vem talvez a proposito perguntar aqui: é o Congo um paiz pastoril, commercial ou agricola?

Póde responder-se affoutamente: é mais agricola que pastoril, e é mais commercial que nenhuma das duas cousas.

Nas immedições de S. Salvador e para o N., faltam completamente os rebanhos; um ou outro animal isolado é tudo o que se encontra.

A E., porém, de S. Salvador, e a uma distancia de uns 280 kilometros, encontrámos bois de pequeno talhe, mas gordos e bons para a alimentação do homem. Toda esta região até ás margens do Quango cria bois; é conhecida pelo nome de Damba, e produz, alem d'estes, borracha em abundancia. O seu commercio é realisado quasi em absoluto com o Ambriz e feitorias da costa ao N. d'este conselho.

O fabrico da borracha é da exclusiva attribuição das mulheres; d'isto resulta que existe ali sempre a fome; os homens apenas plantam bananeiras, o resto da cultura é quasi completamente abandonada. Passados os contrafortes do Kisolo e do Kusso, entra-se na região do Damba, que forma uma planura de areia e argilla encarnada, onde as gramineas não attingem de altura mais de 5 decimetros. O paiz é pobre em arborisação e abundante em lagoas pouco profundas; uma região sem drenagem.

Para compensar estes defeitos toda a planura é coberta de um pequeno arbusto de caules herbaceos, que produz a melhor borracha do Congo. É ao Damba que se deve recorrer para obter bois no Congo. Se nos encaminharmos, porém, para NE., para a região do Zombo, poderemos percorrer o grande planalto sem encontrarmos um só exemplar da raça bovina, e o mesmo nos acontece ao N. Percorri Macuta, e não vi um d'estes representantes e os indigenas pela sua parte só os conhecem por ouvirem fallar na sua existencia.

Em Bona e no litoral ha algumas manadas de bois, originarios uns do Damba e outros das regiões ao S. de Loanda.

Em S. Salvador, a nossa missão ensaiou a creação d'estes prestimosos animaes, teve porém de abandonal-a, por não ser possivel encontrar entre os indigenas quem se prestasse a guardal-os. Para o preto, o boi toma as proporções de uma terrivel fera.

Em 1860, quando de S. Salvador retiravam as nossas forças, dei-

xaram alguns exemplares ao rei; estes pouco se reproduziram. O clima não é favoravel, ainda que no tempo de boas pastagens chegam a engordar. Mais que uma occasião observei, que estes animaes morriam com extrema facilidade, atacados por molestia que não conheci.

Mais feliz que o boi é o carneiro africano. Este reproduz-se facilmente e desenvolve-se em pouco tempo; é de talhe medio, cabeça grossa, privado de pontas, os membros locomotores são delgados e fartos, o que lhes permite fazer grandes viagens.

Conheço apenas uma raça, e creio que não existem d'ella variedades. No Congo o carneiro só nos presta o beneficio da carne, que é superior á do seu similar europeu. Não produz infelizmente lã; o seu corpo é coberto de pellos curtos e duros.

Seria muito para desejar que se introduzissem ali as raças do Cabo da Boa Esperança, onde os velos são estimados em dinheiro espantoso; talvez novas raças acclimadas na Africa ali produzissem bem, obtendo-se uma fonte de riqueza para os sertões do N.; valia experimentar.

De resto, o carneiro é raro no Congo e cada um vale 4\$500 réis, sem que seja muito grande. Em Macuta e sertões do N. notámos que a creação do carneiro augmenta, não constituindo comtudo agglomerações que mereçam nome de verdadeiros rebanhos.

A povoação que possuir trinta cabeças, já se julga sufficientemente rica para não procurar augmentar este numero. Quasi sempre os carneiros constituem o dominio mobiliario do chefe da povoação.

Nas margens do rio Kuibo encontrei carneiros de uma belleza excepcional. O indigena do Congo, em opposição a quasi todos os povos primitivos, despreza completamente o leite, seja elle de que animal for.

A cabra é mais commum que o carneiro, ainda que não abunda; é pequena, tem as pernas delgadas, cabellos curtos e densos. De ordinario produz seis filhos n'um anno. Um cabrito regular póde valer 1\$800 a 2\$000 réis. O indigena, que em delicadeza de paladar não é exigente, dá o mesmo valor á carne do cabrito e á do carneiro.

A cabra poderia reproduzir-se com facilidade, se não fosse atacada de um grande numero de molestias que a dizima.

A creação de porcos é mais desenvolvida que qualquer das precedentes, sendo ainda assim deficiente; a carne d'este animal é a que o preto mais estima e portanto melhor paga, ainda que a qualidade em geral é muito má. São muito raras as grandes e gordas. Em geral recebem como ração alguma raiz de mandioca e alguma massaroca de milho, raramente. O animal procura as hervas tenras e o coquenote, quando a fortuna lhe deparou perto da habitação algum bosque de palmeiras.

Em geral têm um aspecto faminto e fornecem uma carne muito inferior que seria rejeitada n'um posto de inspecção, se existisse. Estes animaes têm a sua hecatombe na occasião dos grandes enterros, onde a sua carne é obrigada, como entre nós o Perú pelo Natal.

Um indigena que possua dez d'estes animaes é com certeza um homem de fortuna, conhecido em 20 leguas de circumferencia.

O preto nunca mata animaes novos para alliviar as mães; cria tudo, e como não cuida de os alimentar, as raças degeneram rapidamente, tornando-se rachiticas e enfezadas em poucos annos.

O porco de raça consegue distinguir-se immediatamente do seu similar de raça europêa, pelas orelhas caídas e principalmente pelo seu nariz afilado, que vae terminar quasi em ponta.

Só os quatro quadrupedes domesticos mencionados fornecem alimentação ao indigena.

O gato, animal estimado e que o preto tambem come, nunca é creado para este fim. A pelle d'este felino, bem como a do macaco e a de muitos outros animaes selvagens, é tida pelos pretos em grande conta, por servir de distinctivo aos chefes, e todos os que podem se enfeitam com ellas nos dias de grandes batuques. É ornato exclusivamente reservado aos homens.

O cão, animal que o preto estima tanto como o europeu, differe muito do nosso.

Creio que é o *canis lupus* e parece-se muito com os descriptos entre os *niam-niam*.

É pequeno, tem o focinho extraordinariamente aguçado, os membros delgados, as orelhas curtas e sempre direitas, o ventre proeminente, a cauda curta e sempre em fórma de anzol.

Ainda não encontrei um unico que ladrasse, apenas soltam uivos sinistros. Apesar da affeição que lhe consagra, o indigena martyrisa-o pela fome. A sua alimentação consiste em roer algum osso que resistiu aos fortissimos maldades do amo, em *kuanga*, *infundi* e feijão em doses homœopathicas.

Presta apenas dois serviços, bater os capins para levantar algum raro antilope e encarregar-se da limpeza das creanças da povoação. É muito curioso ver pela manhã uma mãe collocar no largo, que forma a testada de sua casa, uma creança, e tirar da garganta quatro ou cinco guinchos agudos; este signal é invariavel; immediatamente toda a canzoada da povoação cerca a creança, limpando-a com mais cautela que algumas amas.

Parece que o cão africano não contrahe a raiva; pelo menos nunca me constou ali a existencia de tal flagello. Nas regiões que visitei, a carne do cão é rejeitada; ninguem a come.

Affirmam-me comtudo que ao N., não distante do Stanley-Pool, engordam o cão para o comerem. Parece-me verdadeira esta afirmação, pois haverá uns quatro annos o rei do Congo recebeu d'aquelles logares um bonito cachorro, muito gordo; era presente de um soba que o enviava com a indicação de que era para comer, o que o rei não fez. Todos os conguezes têm horror á sua carne. Eu tinha, porém, um *libolo* na missão que a comia todas as vezes que o podia fazer em segredo.

As aves domesticas são em pequena quantidade. A mais commum é a gallinha; em geral é pequena e magra; são raras as grandes. A sua alimentação é pouco cuidada.

É criação exclusiva da mulher e é tambem o animal que ella mais estima; constitue a parte mais importante dos seus haveres mobiliarios, os unicos que o preto verdadeiramente possue.

Todas as vezes que o individuo está doente fica prohibido, pelo seu medico, de alimentar-se com carne d'este animal. Em regra, em questões de alimentação o preto tem o paladar pervertido; attende muito á quantidade e muito pouco á qualidade. Assim, estima em pouco os ovos; nos logares em que não existem europeus são quasi dados. Faz-lhes ainda perder o valor a superstição de que o uso d'elles os inibe da gloria de serem paes; isto basta para serem lançados á execração por todos os que estão possuidos d'esta mania. Hoje, em S. Salvador uma gallinha não se compra por menos de 500 a 600 réis. Esta ave entra em todas as scenas de feiticaria; é sobre ella que são descarregados todos os malefícios; talvez venha d'ahi o ser prohibida durante as doenças.

Alem da gallinha, que em maior ou menor quantidade se encontra por toda a parte na Africa, os indigenas ribeirinhos criam tambem os patos. O unico que encontrei no Congo, já domesticado, já selvagem, creio ser o *anas machata*, de Lin. No estado selvagem vive nos rios e lagoas; é porém bastante raro.

As pombas, que tambem procriam admiravelmente, são ainda mais raras. São de talhe inferior ás nossas; os seus habitos, porém, são os mesmos.

Esta pequena resenha dos animaes domesticos, sabendo nós que a caça e a pesca são quasi nullas, exceptuando a segunda, nas praias, onde tambem é feita por processos primitivos, e portanto insignificante, habilitam-nos a affirmar, em primeiro lugar, que o Congo de nenhum modo é um paiz pastoril, e em segundo, que a alimentação indigena é composta quasi exclusivamente de vegetaes, facto que talvez tenha influido sobre o character brando d'estas populações.

É muito possivel que este clima não favoreça o desenvolvimento

da pastorisia. Alem d'esse impedimento, ha outro, a meu ver, ainda mais forte e mais importante.

O defeito capital que caracteriza estas populações é o baixo sentimento da inveja. Este facto tem uma importancia muito decisiva no augmento da riqueza e no progresso moral d'aquellas sociedades.

Tenho encontrado pretos com desejo de crearem pequenos rebanhos e saírem assim do modo de ser social que os cerca. Estas tendencias para progredirem são-lhes por via de regra fataes.

Todos os seus vizinhos o olham com maus olhos; se lhe não podem roubar o que elle possue, estropiam-lh'o; e em pouco o feiticeiro mostra-lhe praticamente que nas sociedades primitivas e supersticiosas se paga caro o querer sobresaír.

D'aqui resulta que os mais activos e emprehendedores desanimam, não tendo segurança nem para si nem para os seus haveres.

É n'este facto e n'outros analogos que devemos procurar a causa da tão decantada, ampliada e mesmo calumniada indolencia do negro.

Se, como me parece ficar bem demonstrado, o Congo não é um paiz de pastorisio, será ao menos uma região agricola?

*
* * *

Em um trabalho muito modesto que alcançou as honras de ser publicado no *Boletim* da Sociedade de Geographia de Lisboa, descrevia resumidamente as especies principaes cultivadas no Congo; hoje, para não voltar sobre os mesmos passos, direi poucas palavras sobre o tempo e systema de cultura.

Um anno do Congo, *nvu*, é o espaço do tempo decorrido de uma estação secca á seguinte, e divide-se em periodos secundarios, que de algum modo correspondem ás nossas estações. A lua serve-lhes para contarem os mezes; de lua nova a lua nova fazem um mez a que dão o nome de lua *ngonde*, palavra que tanto significa uma duração como a mesma lua. Os indigenas conhecem perfeitamente os periodos secundarios do seu anno.

Para principiarmos com o nosso temos *massanza*, que corresponde a janeiro e fevereiro. Este nome vem de estarem então as hervas a meia altura. É tempo de sementeira de feijão, milho grosso e plantação de bananeiras. Segue-se-lhe immediatamente *kundi*, correspondente aos mezes de março e abril. São destruidas as hervas que infestam as plantações, e empilhadas para apodrecerem.

Vem logo depois o *kuintombo*, correspondendo a maio e junho. É

o tempo de propagar a couve por meio de estacas (a couve do Congo não produz semente).

Terminado este periodo, que é dos mais socegados na agricultura indigena, temos *seivu*, que corresponde a julho e agosto. São sementadas as margens dos rios e ha grande faina no córte das gramineas, que devem abrigar, formando os tectos das palhotas, a familia indigena, da intemperie.

Principia a colheita da uguba; são mettidos á terra os troncos da canna saccharina.

Em seguida temos *piaza*, setembro e outubro. Queimam-se os capins. Cáem as primeiras chuvas. Semeiam-se as innumerables variedades de corcubitaceas, mettem-se na terra os troncos que devem produzir a mandioca, preparam-se terrenos para as suas sementeiras; é tempo de grande actividade para as mulheres e de caça para os homens.

Temos ainda como correspondentes aos ultimos dois mezes do nosso anno *nkiala*. É bom periodo de sementeiras, como lentilhas, feijão, uguba, etc. Deve notar-se que esta correspondencia aos nossos mezes não é perfeita, porque estes periodos não guardam entre si a uniformidade de sessenta dias; ha-os maiores e menores.

A grande cultura d'esta região é sem contestação alguma a da mandioca. Abençoado seja o nome do que primeiro ali introduziu esta preciosa euphorbiacea: é a encarnação da providencia para estas miseráveis populações.

Será difficil encontrar terrenos onde ella mais produza do que no Congo.

Os cultivadores procuram ordinariamente as encostas onde predomina a mica com os oxydos de ferro, que dão ao terreno uma coloração amarellada, quando descarnado. N'estes logares é mais lenta, tanto a fructificação das volvas, como o desenvolvimento da planta; a qualidade é porém melhor, a fecula mais branca e mais doce.

No fim de dois annos extrahem-se esplendidas raizes; tenho-as encontrado com 8 kilogrammas e mais de peso.

Nos terrenos de alluvião, que não abundam, onde predomina o humus, a fructificação é mais rapida, dezoito, vinte mezes, e as raizes são extraordinariamente desenvolvidas, mas a qualidade é inferior.

A cultura é facil e pouco trabalhosa. Na estação secca as mulheres cortam as gramineas, procurando extrahir as raizes das moitas;ervas e raizes são empilhadas, e tudo coberto com uma leve camada de terra, dando á pilha a maior amplitude possivel.

Ao cair das primeiras chuvas são queimadas estas pilhas. Conhecem os pretos perfeitamente a utilidade das cinzas e terra queimada. Procuram troncos mediocres de mandioca, que são expostos ao sol por

alguns dias. Em seguida, pedaços de um palmo de comprimento são soterrados com o auxilio da enxada indigena. Passados trinta dias apparecem á superficie os primeiros rebentos. Para economisar o trabalho de arroteação, sempre difficil por entre a mandioca, é semeada a especie de feijão conhecida no Congo com o appellido de *cassa a ndamba*, o qual é uma variedade do «*dolychos monacalis*»; addicionando algumas sementes de *uando*, esplendida leguminosa arborescente, que dá o fructo em junho do anno seguinte e que se approxima da nossa lentilha. Agora o trabalho com esta plantação é apenas de extirpar aservas que se desenvolvem com prodigiosa facilidade, emquanto não emsombreadas pelas folhas da mandioca.

Ha dois systemas de colheita: consiste o primeiro em extrahir as raizes feitas e deixar as pequenas; a plantação assim, fornece mandioca durante seis ou sete annos; o segundo, mais seguido, consiste em deixar desenvolver bem todas as raizes e em seguida arrancar tudo e mudar de terra. É preciso recorrer a este modo todas as vezes que a plantação se tornou nulla. As raizes, ficando tempo demasiado na terra, tornam-se lenhosas e improprias para alimentação.

Esta preciosa planta, alem de fornecer á alimentação indigena toda a fecula e gluten, ainda abastece de boa hortalica a cozinha, com as folhas e talos tenros, e lenha para o fogo.

Nem todas as regiões do Congo são por igual aptas para esta producção. Em Macuta e no Zombo esta cultura é mais difficil e trabalhosa, e rachiticas a planta e as volvas.

O preto do Congo, mais atrazado que o seu irmão de Angola, desconhece completamente os processos para obter a farinha torrada; emprega-a sempre solta, já para fazer o infundi, já para a kuanga. A raiz crua é má para a alimentação e pouco procurada; apenas creanças e algum faminto a comem n'este estado. Cozida ou assada não é má, e tive muitas vezes de a comer d'esta maneira.

A mandioca é a base da alimentação indigena; o que nós consumimos em pão, batata e arroz, consome-o o preto em farinha de mandioca.

A população do Congo prefere sempre esta farinha á de milho, e só usará d'esta ultima quando lhe faltar a primeira. D'aqui provém que todo o milho grosso, que produz exuberantemente, é consumido em verde, guardando em massaroca apenas a semente e o que destinam ao europeu para alimentação de aves.

Se a mandioca possui no Congo todos os elementos feculentos e amiaceos da alimentação, uma outra planta não menos preciosa, porém mais delicada, fornece elementos gordos.

Refiro-me a *arachis epogea*, essa leguminosa que tantos serviços presta ás populações africanas.

Para que esta cultura seja abundante e prospera duas cousas são precisas: um terrano bem cuidado e abundancia de chuvas.

As sementes são lançadas á terra grão a grão, nos mezes de setembro a dezembro, para serem colhidos os fructos em julho e agosto.

Se as chuvas forem abundantes, as vagens que se encontram no solo a uma pequena profundidade, contêm grossas sementes, esperança e alegria dos indigenas. Nada mais bello do que uma boa plantação da uguba em florescencia; as flores amarellas, tendo por fundo o verde escuro da planta, são de um effeito surprehendente, que tem muita similhança com o dos nossos campos de trevo.

Uma unica sementeira fornece sempre duas colheitas, a primeira nunca é tão bem feita que não fiquem algumas sementes, que germinam ás primeiras chuvas e fructificam em abril ou maio; esta é pouco importante.

As grandes culturas de uguba e mandioca poderiam dar esperanças a empresas europêas, quando os sertões do Congo fossem cortados por um caminho de ferro ou mesmo por uma estrada regular. No estado actual seriam impossiveis.

A cultura que se poderia ensaiar com algumas esperanças seria a do café e cacau, o tabaco que é bom, e a canna saccharina para consumo interno, sendo como é impossivel a exportação. Sem estradas não ha cultura possivel no Congo, a não ser a restrictamente precisa para o consumo local. Esta região é actualmente e sel-o-ha ainda por muitas annos, um paiz de exploração commercial e não agricola, não obstante a fertilidade do solo. Seria, porém, muito para desejar que o europeu ahi creasse algumas culturas que seriam como granjas, onde o preto aprenderia não só a dedicação e os habitos de trabalho, mas até os precisos para aperfeiçoar o que actualmente cultiva.

As duas culturas que mencionei são as importantes, todas as outras são muito restrictas. A cultura indigena está na infancia; os unicos instrumentos de que se serve são o machete, para cortar hervas e troncos, e a enxada circular de ferro batido, de origem africana, mas hoje espalhada largamente pelo commercio europeu. Com instrumentos assim rudimentares só me admira que cultivem tanto e com uma perfeição relativa.

No Congo é a preta que geme debaixo de todo o trabalho de cultura, cozinha, amamentação dos filhos e todos os trabalhos caseiros. Nenhuma é exceptuada; as mulheres do primeiro potentado africano trabalham tanto como as do ultimo escravo. Um abysmo de differença existe entre a mulher nas sociedades civilisadas e nos selvagens. Ali a mulher custou dinheiro; é urgente que indemnisse largamente d'esse capital o seu senhor.

Este excesso de trabalho e a carencia quasi absoluta de affectos da parte do marido, explica, a meu ver, a rasão por que a mulher depois de um desenvolvimento bastante precoce até aos quinze annos, está velha aos trinta, e, se consegue ver os quarenta e passal-os, apresenta á nossa vista admirada todos os caracteres de uma mumia ambulante, ao passo que o preto conserva uma certa presença juvenil até idades bem avançadas.

Tem-se dito e repetido com exagero que as populações africanas são a expressão mais completa da preguiça e da indolencia, e á força de repetir-se, tem esta opinião adquirido os fóros de um axioma. Pelo que diz respeito ao homem comprehende-se e póde conceder-se; observando, comtudo, que as raças adiantadas se vivessem no mesmo meio e nas mesmas condições não trabalhariam mais que as africanas incultas.

Emquanto á mulher, é redondamente falso e injusto. A mulher do Congo é em toda a justeza da phrase uma martyr do trabalho assiduo, constante e penoso. Não se imagine, porém, que ella trabalha porque teme as violencias do marido; não, no Congo ella é tratada com brandura relativa, o marido exige de comer, mas não a manda trabalhar nem a obriga. É ella que por inclinação, por costume, por tradição, está sempre na brecha. Deseja tambem possuir; faz pois tudo o que póde para juntar um peculio com que compre uma muleca que a ajude.

Na capital do antigo Congo os prejuizos contra o trabalho vão caíndo lentamente; os homens de origem livre, nas occasiões de maior faina, já ajudam as pretas a desbravar o terreno, enquanto que os muleques conduzem as cargas para as feitorias europêas.

Esta area de actividade relativa é restricta, e forçoso é confessar que fóra d'ella o preto vive contente n'uma sociedade desmoralisadora, occupando-se apenas em tratar questões que pullulam por toda a parte.

Pelo que dito fica, comprehende-se bem que o Congo é mais agricola do que pastoril, não sendo no rigor dos termos nem uma nem outra cousa.

O que, porém, me parece certo é que esta região reúne em si todas as condições requeridas para vir a ser um paiz productor, por meio da agricultura, e que se hoje a não tem, deverá vir a tel-a quando o o preto, o unico colono possivel, comprehender todas as vantagens que do solo lhe podem advir.

Um paiz profundamente accidentado, sulcado em todas as direcções por numerosos cursos de limpida agua, com uma drenagem facil dotado de um solo magnifico, apto para todas as culturas tropicaes, e parte das europêas, tem de certo reservado um bom futuro e vale al-

guns sacrificios. O que urge é preparar o indigena para essa grande obra; e essa preparação ha de ser fatalmente lenta, mas efficaz.

A mulher do Congo vende ou permuta todas as sobras dos productos dos seus campos, á sua vontade sem que o marido tenha ahi qualquer interferencia. Trabalha no dia em que quer, e descansa, quando lhe apraz sem que o marido tenha o direito de intervenção. Existe no Congo uma superstição, que de certo foi inventada pela imaginação mais viva da mulher, com o malicioso fim de alliviar-se um pouco do duro trabalho que a opprime.

A mulher, que durante o periodo da gravidez, sonhou ou fingiu sonhar qualquer cousa, logo que dá á luz, designa o filho ou filha com o nome de *Lombo*, o qual, por esse facto, fica com o direito a receber logo um boné e um panno para se embrulhar. A côr das fazendas, de que são fabricados estes objectos, devem estar em harmonia com as côres que em sonhos se representaram á mãe. O que, porém, é mais interessante é que a mãe sempre sonha que no dia de *Sana* (um dos dias da semana indigena) não póde ir á plantação, porque infelizmente lhe aconteceria alguma grande desgraça.

Algumas que tinham tendencias para trabalhar, em vez de um só dia, sonhavam dois, sendo o segundo sempre *nkenque*. Todos respeitavam estes e outros sonhos menos innocentes, e muitos actos da vida pratica são determinados por elles, prestando o indigena a essas phantasmagorias da imaginação os fóros de verdades demonstradas.

Ha uns nove annos todos respeitavam um dos dias da sua semana, que se compõe de quatro; hoje guardam, pelo menos, em S. Salvador, o domingo, trabalhando nos restantes.

IV

Nas sociedades adiantadas, o desenvolvimento e prosperidade das industrias é sempre a resultante de forças harmonicas e de factos antecedentes, que a determinaram, como o commercio e agricultura. Nas sociedades grosseiras o pouco que se faz significa apenas o esforço de uma intelligencia rude luctando contra forças naturaes irresistiveis que tentam aniquilal-a.

No Congo a industria é quasi nulla; ainda assim o que nos apresenta mostra claramente ao observador que a raça preta se aperfeiçoou, se não com a rapidez das raças arias, ao menos de um modo que nos attesta a sua perfectibilidade, e nos consola em relação ao seu futuro. O ferro é explorado no Congo ha centenaes de annos. Parece que estas populações não conheceram uma idade de pedra, pelo menos até hoje nada se descobriu, que eu saiba, que tal prove.

O ferro é abundante em todo o Congo; encontrei-o em grandes afflorações á superficie, no Zombo, onde abundam os ferreiros.

Nas grandes feiras d'aquella região vende-se um bloco de muitos kilogrammas de peso, por baixo preço.

Em seguida o artista leva-o ao fogo a fim de o desagregar das particulas terrosas e estranhas, obtendo por este processo grande numero de pequenos granulos de ferro, que colloca sobre uma lamina do mesmo metal, activando o calorico por meio de uma engenhosa ventoinha. Logo que obteve a temperatura conveniente colloca-o todo sobre uma pedra e bate-o para lhe dar a primeira fórma.

A bigorna é um massiço calhau, o martello é substituido por um pedaço de ferro, que se assimilha á mão de um gral, uma tosca tenaz segura o minerio incandescente. Para se obter um assoprador, ou instrumento para activar a combustão, corta-se um tronco de pau pouco rijo com o comprimento de 1 metro. A parte posterior conserva o diametro, a dianteira é adelgada; dois furos parallellos com o diametro de 500 réis são praticados em todo o comprimento, sem que se communiquem.

Na parte posterior do tronco abrem-se duas largas cavidades, que communicam respectivamente com os dois furos longitudinaes. Duas pelles de raposa ou chacal são adaptadas ás largas cavidades e terminam em fórma de barrete phrigio, fazendo pequenos saccoes. Uma peça de argilla cozida, é collocada em frente dos dois orificios que expellem o vento, já para o reunirem, já para obstar a que a peça de madeira se queime nos carvões incandescentes. Um muleque, sentado e cantando ordinariamente, pega com as duas mãos nos saccoes de pelle, e imprimindo-lhes um movimento vertical alternado, obtem que o fogo seja constantemente excitado ora com um, ora com outro orificio.

É espantoso como levam ao rubro uma lamina de ferro em poucos minutos. Os ferreiros do Congo desconhecem os processos para a preparação do aço, bem como para dar a tempera. Os instrumentos são cortantes unicamente por serem muito adelgaçados de um lado e constantemente afiados em pedras que gastam o ferro. Ha ainda poucos annos que os ferreiros indigenas fabricavam todas as enxaças *ensengo* e não tinham por assim dizer mãos a medir. Cada uma regulava em preço de 450 a 500 réis. Hoje o commercio europeu introduz tal numero d'estes instrumentos por um preço inferior a metade, que póde dizer-se que este ramo de industria está morto pela concorrência.

Fabricam comtudo pequenos machados, setas para a caça das ratas, facas grandes, laminas para instrumentos musicos, e sobretudo argolas de cobre para enfeite das pernas e dos braços da preta. A amalgama de latão e cobre, que o commercio introduz debaixo do

nome de arames, é fundida com facilidade em cadinhos de argilla amassada com fibra de bananeira; d'aqui passa a fôrmas apropriadas e temos pulseiras da grandeza descripta. Algumas apparecem com um peso superior a 2 kilogrammas, e algumas vezes uma mulher tem quatro e cinco em cada perna, o que forma um contrapeso de 16 a 20 kilogrammas de metal; grilhetas voluntarias. Este costume, suprema distincção de elegancia e opulencia, só o têm as mulheres ricas, e custa algumas vezes a vida, mas não corrige. Na occasião das grandes aguas, estas enormes argolas impedem a natção e as desgraçadas são impellidas ao fundo das correntes sem remedio.

Da região ao N. de S. Salvador, como Lundi e terra dos *avumbs*, saem umas pequenas barras de cobre mal fundido com 5 centímetros de comprimento, por 1 de espessura. Affirmaram-me que eram moeda corrente d'aquelles povos. Deve haver ahi muitos ferreiros, porque exportam todas as zagaias e facas de phantasia, que vendem por um preço muito elevado para servirem de objectos de luxo das pretas do baixo Congo.

A materia prima nos logares proximos da costa é fornecida pelos arcos de embalagem de fardos, canos de espingardas arruinadas, fechaduras inuteis e toda a qualidade de ferros velhos; no interior é o ferro nativo preparado pelos processos já descriptos.

Tanto no Zombo como no Bamba fabricam os indigenas umas figuras de metal, que se espalham por todo o sertão, e são muito raras. Estas figuras arremedam um crucifixo; é com certeza uma manifestação da tradição christã. É no Bamba especialmente que apparecem os artistas d'esta especialidade.

Hoje podem fundir as barras metallicas; nos tempos, porém, anteriores á introduccção d'esta materia pelo commercio deviam servir-se do cobre extrahido das minas do Bembe e de outras que se dizem existir proximo ao Ambrizette (região do Bamba).

Quasi todos os portuguezes que escreveram ácerca do reino do Congo nos fallam das celebres minas de cobre de Bamba. Pela posição que lhes designam nas proximidades do rio Mbidchi, estas minas são as modernas do Bembe.

Uns porém dizem-nos, como Balthazar Rebello de Aragão, que essas minas distam 5 leguas do mesmo rio; e que concorda plenamente com a posição d'aquellas que principiaram a ser exploradas em 1856.

Outros, como Manuel Vogado Sottomaior, affirmam-nos textualmente que estavam junto ao rio Ambriz. E ainda outros, como Banha Cardoso, depois de nos darem a topographia completa do logar, citam-nos até as pessoas que as visitaram, dizem-nos que lhes passa um rio por perto, o qual se chama Ambriz.

Sou de opinião que ¹ todos têm razão e todos disseram a verdade.

O primeiro referia-se ás actuaes e os segundos referiam-se a outras minas, que os indigenas me affirmam existirem á margem do Albidahi, junto á povoação de Kinganga, que foi uma antiga estação missionaria. Ali encontrei em 1883 um sino, imagens, cruces, calices, navetas, thuribulos, etc.

Se juntarmos a isto a noticia de que proximo do Ambrizette, na região do Bamba, que confina com o Bembe, ficámos certos de que toda a região é abundante em jazigos de cobre de primeira qualidade.

Attendendo á riqueza metallurgica da região, facilmente se concebe que os ferreiros desempenham um papel muito importante na industria indigena, e póde affirmar-se que se estes filhos de Vulcano não fabricam, como na mythologia grega, raios que fulminam atrevidos titans, produzem ao menos uteis instrumentos para cultivar a terra.

*

* *

Se o ferreiro desempenha um papel de certa importancia na vida indigena, o carpinteiro tambem ahi tem o seu logar. O seu instrumento é um machado em fórma de cunha e uma comprida faca.

No Congo não são de ordinario os carpinteiros que fabricam as casas indigenas; todos sabem fazel-as. Estas construcções, apesar de pouco solidas, são incomparavelmente superiores ás que habitam as populações ao norte do Zaire.

As cubatas são invariavelmente rectangulares; têm tecto de 8 metros de comprimento, por 3 de largura. Do solo ao cume pouco excederão 3 metros de altura.

Os lados são feitos de paus espetados na terra; o preto tem o cuidado de carbonisar a parte que mergulha no solo, para resistirem eficazmente á humidade. Estes paus ou estacas são ligados fortemente entre si por meio de cannas horisontaes, atadas com a parte fibrosa do papyrus. Tres forquilhas em renque supportam o tecto.

Este é formado com as peciolas da *clais gnicuensis* ou com as hastes da *raphia vinifera*.

Camadas sobrepostas de colmo e ligadas por meio de cannas e fibras, formando zonas parallelas de 6 ou 7 centimetros de largura, abrigam os pretos contra a intemperie e violencias do clima.

A choupana é invariavelmente dividida em dois compartimentos.

O maior serve de cozinha, de sala de visitas, de jantar, etc. O

¹ *Memorias do ultramar*, de Luciano Cordeiro.

mais pequeno serve de quarto de dormir, guardar provisões e fazendas, é celleiro, e casa forte. É o *gudi a neo*, a casa mãe, onde nenhum estranho deve penetrar. No primeiro compartimento póde entrar todo o mundo, mesmo que o dono não esteja em casa, não acontece o mesmo no segundo. Communicam por meio de uma porta muito estreita, que só com difficuldade será transposta por uma pessoa medianamente corpulenta.

De ordinario as cubatas não têm janellas; a unica abertura de entrada é tão baixa e estreita que mal se póde entrar por ella, e quando o fazemos somos obrigados a curvar de um modo muito incommodo a espinha dorsal, tomando uma posição ridicula, que se assimilha á de um nadador que vae mergulhar.

As portas são feitas de papiro secco e ligado; algumas, porém, são de madeira, unico signal que representa o trabalho do carpinteiro e a riqueza do possuidor.

Uma cubata bem feita, como o são de ordinario as do interior do Congo, é muito mais hygienica e confortavel do que parece á primeira vista.

Os intersticios das palhas renovam constantemente o ar e impedem as correntes prejudiciaes.

As testadas são tecidas com grande cuidado e apresentam desenhos curiosos e pittorescos, onde predomina a linha recta. Onde, porém, o carpinteiro congo apresenta toda a sua pericia artistica é em fazer tambores para os batuques.

Abstrahindo do trabalho de perfurar um grosso tronco com instrumentos muito rudimentares, a parte externa, coberta de altos e baixos relevos, muitas vezes, de um desenho correcto e de bom gosto, mostra-nos que o preto tem algum talento e ideal artistico. Póde observar-se o mesmo bom gosto nas grandes colhéres de pau e nas bocetas para guardar tabaco em pó finissimo, que tem largo consumo.

Todos os rudimentares instrumentos musicos que o preto conhece, se fizermos excepção das cornetas, que são pequenas pontas de marfim furadas no centro, e com uma pequena abertura do lado mais fino, onde o tocador colla os labios para produzir o som, são obra do carpinteiro.

Os idolos antropomorphos, as figuras de esculptura indigena, que abundam no Zembo e ao norte do Zaire, apesar de imperfeitas, mostra-nos que o preto principia a comprehender o desenho das fórmas humanas, e o copia em traços mais ou menos grosseiramente.

Em raras camas de pau, como catre, insculpem figuras phantasticas de animaes sibilinos e cabalisticos, que só têm existencia subjectiva.

O indigena do Congo tem tendencia para a carpinteria como o seu

irmão cabinda, e em poucos annos existirão d'estes artistas, o que é uma felicidade para a substituição do europeu.

Todos os nossos chronistas que se occuparam de cousas da Africa nos fallam da conhecida *mabella*, que fornecia não só o vestido dos indigenas, mais ainda era um artigo de exportação estimado.

A abundancia de algodões de todas as côres e qualidade e o seu preço relativamente baixo, arruinou quasi completamente este ramo de fabricação africana.

Em Macuta e no Zombo vi tecer a *mabella* fina com as verbenas das folhas da *raphia vinifera*. Só uma paciencia de preto podia fabricar este tecido; o panno grande é formado por muitos pequenos que têm a fórma de guardanapos. Os indigenas do baixo Congo já hoje não sabem tecer estes pannos que, de primeira qualidade, têm a finura e consistencia da seda forte.

Em geral hoje encontra-se a *mabella* grossa, que é muito leve e tem um preço rasoavel para, depois de desfiada, encher almofadas e colchões.

Hoje o preto do Congo veste-se quasi exclusivamente de algodão de mil côres e qualidades e apenas nas occasiões de batuque, prefere a *mabella*, addicionando-lhe pela parte anterior uma pelle de gato, macaco, raposa, lontra, chacal ou outro animal de pello fino.

Vem-nos naturalmente ao espirito a idéa de que o preto assim vestido, commemora inconscientemente nas suas festas os grandes periodos sociaes por que tem passado. Abandonada a nudez completa devia vestir-se de pelles, que a abundancia de animaes n'essa epocha lhe devia fornecer sem difficuldade.

Deu mais um passo e descobriu as propriedades textis da palmeira e outras arvores e hervas, e teceu o panno de *mabella*.

No seculo XVI, emfim, os portuguezes levaram-lhe os tecidos europeus, que adoptaram de boa mente, conservando-lhes comtudo as fórmas tradicionaes.

Merece uma menção especial a confecção de *bangos* ou *balaies*, já pelo bem acabado d'estes objectos, já pela applicação enormemente grande a que são destinados. É objecto caseiro que serve para tudo, desde a conducção dos legumes e fructas até á escudella para comer o infundi. O dote offerecido ás filhas por occasião do seu casamento consiste n'estas alcofas. A sua fabricação pertence exclusivamente ás mulheres, que primam em apresental-os o mais luxuosos possivel.

Uma graminea fina e resistente é escolhida com o maior cuidado; depois de bem limpa é atada em pequenas paveias, que vão formar as zonas circulares e parallelas do artefacto. São tão unidas estas zonas entre si e cosidas com tanta pericia, que servem as grandes, que po-

dem ter capacidade superior a 45 litros, para o fabrico do *banvo*, especie de cerveja indigena, de pessimo aspecto, que se assimilha a uma lavadura para porcos, porém de gosto rasoavel, hygienica e muito nutritiva por causa da farinha que tem em suspensão.

As fórmias e grandezas d'estes balaios variam infinitamente.

De uma outra gramínea rasteira e forte fabricam os congas pequenas bocetas, pelo mesmo processo, para conterem o tabaco em pó ou simonte.

São bem conhecidas de todos os que tem ido á Africa occidental as esteiras do Congo. Um junco fornece a materia prima, a maneira de tecedura varia muito.

De ordinario são pintadas com materias colorantes, de origem vegetal, inalteraveis. O artista capricha em ornal-as com variados luzangos, leopardos, jacarés, veados e monstros que a imaginação timorata do preto engendra phantasiosamente. A esteira é a cama do indigena, acompanha-o para toda a parte.

O olaria é rudimentar.

A materia prima tem pouca cohesão e a cozedura é muito imperfeita; o indigena ainda desconhece os fornos. As panellas, que têm uma enorme abertura, são feitas á mão; em seguida, com um liquido extrahido da casca de um pau durissimo, são lubrificadas. Uma fogueira bem alimentada secca-as gradualmente, e em seguida são entregues ao commercio, sendo vendidas por um preço que corresponde pouco mais ou menos a 140 réis. Todas estas panellas são uniformes, desprovidas de azas e desenhos, e a sua duração é muito curta, por não terem uma cozedura sufficiente.

É n'estes vasos que são preparados todos os alimentos que necessitam do fogo para a sua cozedura.

De uma fabricação muito mais perfeita são os cachimbos de argilla, para estes ha fórmias com desenhos mais ou menos correctos, são cozidos nos brazeiros, o que lhes dá muita consistencia.

Nas proximidades do Noki-Lukango fabricam-se moringues, alem de panellas e cachimbos. Estes moringues, ornados sempre com desenhos, são o unico vaso indigena para conter a agua. Para este fim servem-se ordinariamente da cabaça, da garrafa e do garrafão, introduzido pelo commercio, e que tem um valor diminuto.

Em resumo. A industria indigena d'esta parte da Africa é rudimentar e incapaz de supprir mesmo as pequenas necessidades dos seus habitantes. Uma certa vontade, porém, de saber, que anima o preto, fará em pouco que em volta de cada centro de civilização, se agglomere a população indigena para obter noções com respeito aos officios mais importantes e de applicação mais pratica.

Os centros a que me referi devem ser as missões e os concelhos no interior.

Entregue a si, o preto veria desfilar muitos seculos, e elle, o eterno desherdado, permaneceria quasi estacionario. Guiado pelas raças, a quem elle de boamente concede uma superioridade incontestada, poderá lucrar em poucos annos o que tem malbaratado em seculos.

V

A observação directa, constante, sem paixão, sem preconceitos de raças, do modo de pensar, de obrar e de comprehender do preto congo, o estudo das suas aptidões e progresso moral, tem-me levado ao convencimento de que, em opposição ao que se tem affirmado, elle não está tão primitivo como muitas raças que os ethnologos lhe têm preferido e que o podemos collocar ao nivel ethnico das raças cafres, que todos confessam atravessarem um periodo importante da sua evolução.

Se principiarmos pelo norte encontrâmos logo dois ramos da familia conguese com aptidões notaveis para os mais variados mesteres. São conhecidos em toda a parte e procurados os cabindas e os loan-gos. Os mussurongos, talvez a ramificação melhor constituida de todos os congos, são muito ladinos e deram provas da sua coragem, entregando-se por muitos annos á pirataria, não receiando pagar, como muitas vezes lhes aconteceu, com a vida, o atrevimento de assaltarem embarcações, ás vezes bem tripuladas. São recentes estes factos para terem esquecido. Os congos do interior não são com certeza uma raça bellicosa; em todo o caso laboraria em grande erro quem os suppozesse cordeiros pacificos. As nossas expedições a esta região no principio da ultima metade d'este seculo, devem ter apresentado uma verdadeira decepção a quem tal juizo fosse tentado a fazer dos congos.

A raça congo que occupa uma parte tão importante da costa oceanica, pelo menos da foz do Dande até Ponta Negra, e que se estende extraordinariamente no interior, está de tal modo baralhada com elementos estranhos e sobrepostos, que me parece tarefa difficil marcar-lhe caracteres anthropologicos typicos, que a distingam ao primeiro golpe de vista.

O que hoje observâmos n'estas populações leva-nos a pensar que o seu estado relativamente sedentario não data de seculos muito afastados. O grande prazer que este preto congo experimenta em se passeiar de povoação em povoação, demorando-se muitos mezes fóra dos limites a que pertence, a facilidade com que pelas rasões mais futeis, ás vezes um sonho, abandonam a povoação em que nascem, os seus chimbeques e phantaços; quando não é uma população inteira que emigra

em massa para logares distantes; a ausencia completa de propriedade immovel particular; a falta de affeição ás pessoas que lhe deviam ser caras, auctorisam a suppor que o periodo de fixação territorial d'estes povos não é ainda completamente fechado. Uma emigração involuntaria ou forçada ainda se continúa em nossos dias sobre as costas O. de Africa; é pouco sensivel, mas é constante.

Provavelmente os congos vieram em migrações successivas, seguindo o curso do Zaire, e foram assimilando e repellindo para o SO. a raça primitiva, autoctona, talvez a hottentote.

Uma certa fraqueza de constituição, se compararmos os congos com outras raças, como as do Niger e da Liberia, e a côr amarellada que caracteriza muitos individuos exageradamente lymphaticos, parece auctorisar a supposição de que nas veias dos congos actuaes gira sangue em demazia d'essas raças infezadas, as primitivas que ainda conservam alguns representantes no continente africano, como os *akkas*, que os congos conhecem, ao menos, por tradição, e a quem veneram como grandes feiticeiros, e os *bushmen*.

As notaveis invasões dos jagas no meado do seculo XVI sobre as provincias do O. fecharam o cyclo das grandes migrações africanas ou são apenas um nó d'essa cadeia ainda não cerrada?

Haveria algum parentesco entre o jaga invasor e o congo invadido? Certos costumes deixados no Congo pelos jagas, como o de cortarem as palmeiras, para lhes beberem o vinho em poucos dias, e outros, que omitto, auctorisam os que vêem n'estes terriveis invasores os antepassados dos Niam-niam e Fans actuaes? Não tenho dados sufficientes para responder a estas interrogações, que não interessam alem d'isso ao fim que me propuz.

O que nos importa é saber se o preto congo, como hoje o encontrâmos, é susceptivel de receber e assimilar a civilisação portugueza e christã. Pelo que me respeita não duvido votar, sem medo de erro, pela affirmativa.

*
* * *

Na sua rudeza e selvageria actual o preto tem um principio de progresso, que bem explorado por aquelles a quem compete illustral-o, dará magnificos resultados. As raças pretas conhecem, sentem e confessam que estão muito inferiores ás brancas. Esta confissão manifesta-se por toda a parte no respeito que votam ao europeu, na submissão com que acatam os seus mandados e, emfim, em todos os actos da sua vida, quer particulares, quer sociaes e politicos.

O preto é por indole paciente, chegando muitas vezes a revoltar-

nos as humilhações a que é capaz de sujeitar-se; como ainda mais nos revolta o nenhum sentimento generoso que anima o europeu que lh'as inflige.

A quantos morticínios temos assistido na Africa occidental?

Póde dizer-se que a nenhum, e não obstante as occasiões não terão faltado para represalias da parte do indigena. Não fallo aqui do portuguez, fallo do europeu em geral; se alguém tem tratado com menos rigor o preto, somos com certeza nós, os portuguezes.

Entre nós tem-se dito e repetido em todos os tons e escalas, que temos um prestigio enorme entre as raças pretas, que somos os unicos que ellas respeitam e acatam, parece até que podemos descansar á vontade e dormir o somno profundo dos homens bons e conscienciosos, porque lá temos o preto para defender a nossa bandeira e o nosso brio nacional, quando algum atrevido lhe der o seu beliscão.

Estas affirmações podem lisonjear-nos; são, porém, funestas, porque nos adormecem, e em grande parte são falsas; o preto respeita todo o europeu e nada mais; tradições ainda recentes do modo como foram tratados não lhe permite amal-o; não devemos ser exigentes. Nós, os portuguezes, temos duas vantagens apenas sobre os outros europeus: o termos sido os primeiros, e em muitos logares quasi os unicos que elles conheceram, e o pertencermos a uma raça de facil adaptação, com largo tirocinio do continente africano.

No estado actual o preto tomado em globo é ingrato aos beneficios que se lhe fazem; todos o affirmam. Ninguém o nega, e muitos se queixam d'isso, com bem pouca rasão; querem transportar abruptamente para o meio de raças primitivas um sentimento que é apanagio das mais adiantadas.

A intelligencia obscurecida do preto vê nos favores uma cilada, que elle não comprehende como é urdida, e não tendo as idéas de desinteresse e abnegação, julga que redundará sempre em seu damno mesmo o que tende a felicitá-lo. Nem por isso será, comtudo, menos verdade que aquelle que uma vez á força de desinteresse e justiça conseguir captar a sua confiança, obterá d'elle verdadeiros sacrificios se os necessitar; fallo por experiencia.

O preto é a creança adulta; tem os seus caprichos, as suas veleidades, as suas indecisões, emfim todos os seus defeitos; será porém grato a quem se tiver sacrificado por elle, e como a creança em hora de terror se aconchega ao seio materno, assim elle procurará sempre a protecção d'aquelles que o tiverem civilisado. Consiste n'estes factos a preponderancia que temos no mundo indigena. Não devemos porém descansar, muito menos sabendo que todos aquelles que em Africa fazem propaganda contra nós a levam a effeito pelos meios mais suaves

e mais brandos, com o fim de obterem para si aquillo que nós avaliámos em pouco.

*
* *

Descrevamos agora a largos traços a vida social e politica do indigena, e conheceremos que elle está realmente muito atrasado, que todas as manifestações da sua actividade social são embryonarias e muitas vezes incoherentes, mas que tambem progride e que atravessa uma phase da sua evolução, pela qual têm passado todos os povos que hoje se orgulham da sua civilisação e progresso.

O principio fundamental da auctoridade, tão abalado actualmente na culta Europa, encarna-se entre o preto no chefe do reino, da provincia e da aldeia. É este o patriarcha da communidade; para os factos mais insignificantes da vida íntima dos seus membros é elle chamado a resolver, condemnar e impor multas, de ordinario em proveito proprio. O indigena vê n'elle alguma cousa mais do que um homem; pouco falta para lhe prestar adoração. Elle é para o bem como o enviado de um poder superior, pouco definido, a que o preto Congo dá o nome de *zambi*. Das suas sentenças ha apenas appellação para o superior geral — o *Nicongo* ou *Totela Nehico é Congo*.

Isto só acontece, porém, em certos casos mais graves, quando se trata de pagar importantes quantias; as causas menos graves não têm appellação.

N'estas appellações, por via de regra, o appellante é condemnado, a não ser que disponha de protecções importantes; estas nunca são pessoas, mas sempre pecuniarias. Quem mais paga é de ordinario quem tem rasão. Os chefes de povoação, tratando-se de uma causa importante, tomam sempre a precaução de se aconselharem com o seu superior hierarchico com respeito ao modo como a devem resolver; isto, porém, em segredo; repugna á auctoridade d'estes juizes uma inspição estranha, venha d'onde vier.

Ficam assim certos, mediante uma distribuição de lucros, de que o seu *verdictum* será mantido nas instancias superiores. Tanto os chefes de povoação *Nfumu*, como o rei, são rodeados dos mais velhos da sua *banza*, que desempenham o papel de conselheiros; são ouvidos em todas as questões; parece, porém, que apenas têm voto consultivo; o que se observa é que raramente discrepam da opinião do chefe.

Ha certas leis geraes que são axiomaticas na sociedade indigena, taes como a da pena de Talião. Aquelle que matou um homem deve morrer tambem; n'este caso póde ser condemnado pelo tribunal da povoação e não é licito appellar. O que ferir o seu proximo, fazendo-lhe sangue,

deve pagar uma multa, que já está antecedentemente estabelecida. O proprio rei do Congo ou qualquer chefe são obrigados a pagal-a como o ultimo dos seus subditos.

O rei do Congo, que é homem pacifico e inimigo de violencias, um dia em que um moleque não cumpria uma ordem que lhe tinha transmittido, assentou-lhe um pancada na cabeça com o pau a que se abor-doava, fazendo-lhe um ferimento insignificante. Foi logo obrigado a pagar a multa correspondente, e como o moleque lhe pertencia, e portanto não podia receber, foram os conselheiros que se apropriaram da importancia da multa, que é o castigo infligido ao delinquente.

Nos logares em que predomina o elemento indigena, o europeu que feriu ou commetteu outro qualquer delicto para com o preto, paga uma *cabala* no tribunal indigena, que julga summariamente, sendo muito interessante ver que o tribunal sempre dá rasão ao europeu, porém este é sempre o que paga; uma prova do respeito em que é tido o branco.

Acontece o inverso quando se trata de dividas; ali prevalece quasi sempre o europeu, sendo o preto obrigado a pagar algumas vezes quantias importantes, que elle satisfaz em sementes, carneiros, etc.

Em materia criminal a sociedade indigena só conhece extremos: ou o ultimo castigo ou uma impunidade quasi absoluta. O ladrão encontrado em flagrante é apupado, escarnecido e até maltratado corporalmente por todos; restituindo, porém, o que roubou e pagando uma pequena multa e nem sempre, tudo ficou sanado, e o ladrão fica tão considerado como era anteriormente ao roubo, notando-se, comtudo, nos logares em que a civilisação tem penetrado, que os individuos começam a sentir vergonha por estes crimes infamantes.

O preto considera sempre, e parece ter rasão, muito mais grave os attentados contra as pessoas do que os feitos á propriedade; o roubo é vergonhoso quando feito ao indigena; parece, porém, que não importa a mesma grande culpabilidade quando praticado para com o branco.

Nos logares mais civilisados a consciencia do indigena começa a despertar n'este sentido. Assim contrahe o costume geral de nunca descobrir ao branco o ladrão que o defraudou; eu recebi mais que uma delação de criminosos que me tinham roubado, e o que é mais, algumas vezes era o proprio criminoso que vinha pedir perdão para a sua falta. Isto deve entender-se apenas dos logares onde as missões têm influencia; nos outros o roubo ao branco é sempre licito e até meritorio comtanto que seja bem feito; se for apanhado o ladrão, são os seus patri-cios os primeiros que accusam e escarnecem o roubador, não precisamente porque roubou, mas porque se deixou comprometter.

Em geral na sociedade indigena ha furtos e não roubos; a violencia

às pessoas para as despojar é rarissima, e penso que entre indigenas nunca vista.

O assassinato particular é quasi desconhecido ; e o suicidio era cousa absolutamente nunca vista.

Posso apenas citar dois casos que se deram proximo de S. Salvador pouco antes da minha partida d'ali, e que espantaram todo o mundo indigena. Um preto vivia com sua mulher nas melhores relações ; um dia, porém, os parentes d'esta inventaram qualquer dos motivos que na sociedade africana dissolvem os laços que prendem os conjuges, com o fim de a casarem com outro homem ; provavelmente porque este pagava mais.

O primeiro marido levou tanto a mal esta pretensão que matou a mulher e em seguida fugiu para um bosque, onde se suicidou dando um tiro na bôca.

Conheci um outro suicidio ; este, porém, n'um indigena que tinha endoidecido diante da ameaça feita por um cabinda de que o accusaria de ser feiticeiro, *ndoki*. São os primeiros suicidios de que tenho conhecimento.

As injurias e diffamação não têm castigo determinado nos codigos congoenses ; dão, porém, origem a bastantes desordens. O offendido, vae logo que lhe consta tirar uma satisfação, e sempre com tal arrogancia, que a pendencia tem por epilogo não o pugilato, mas a pancada com pequenos cacetes de que o preto está sempre munido. É muito interessante o modo de brigar d'estes povos. Os contendores têm sempre n'uma das mãos o pequeno cacete e na outra uma navalha de barba de que sempre andam armados, ou uma faca bem afiada. Dizem as maiores injurias reciprocamente, e quando no meio de uma vociferação espantosa, se nos crispam os nervos, com a lembrança de que dois homens estão prestes a despedaçarem-se ; vae cada um de ordinario para o seu lado resmungando um monologo que só elle entende.

Quando acontece virem ás mãos, o primeiro que feriu fica senhor do campo ; o ferido ao primeiro ou segundo golpe foge sempre até se apresentar ao chefe ; este deve ver o sangue ; e assim o que o derramou tem infallivelmente que o pagar, o que realmente não fica barato. O chefe exige para *abrir a bôca* dois porcos, pagando offensor e offendido cada um o seu ; só depois d'isto é imposta a pena.

Á primeira vista parece que sendo o preto selvagem, como toda a natureza que o rodeia, as scenas de sangue deviam ser para elle quasi insensiveis. Não acontece, porém, assim ; uma gotta de sangue humano faz-lhe perder toda a força moral, e é o sufficiente para desmoralisar os mais atrevidos. E não é precisamente só o sangue humano que lhe

mette ohror; acontece o mesmo com o dos animaes. Assim, para abaterem uma rez qualquer ou matarem uma gallinha, fazem-n'o á cace-tada ou ao tiro, mas não com instrumento cortante. Como os antigos hebreus, com quem têm muita similhaça, principalmente na exposi-ção de questões, parece acreditar que a alma reside no sangue.

Os crimes de adulterio, especialmente entre os pretos mais civili-sados, são de uma frequencia pasmosa. Em S. Salvador, para evitar delongas no processo, existia já uma tabella que determinava a multa correspondente á gravidade do caso; regulava por uns 16\$000 réis. Deve notar-se que a grande massa d'estes delictos fica impune. Se o marido é avisado da infidelidade da esposa, chama esta e ameaça-a com a prova da casca; de ordinario ella confessa logo; se, porém, re-siste, é submettida a essa prova nos logares menos civilizados; em S. Salvador e immediações, onde a influencia christã conseguiu que fosse abolido esse costume, é ministrada a um animal, de ordinario um cão; e, segundo os symptomas que lhe produzir se conclue da culpa-bilidade da accusada.

É muito curioso o facto de que a mulher declara não só o indivi-duo incriminado, mas todos os antecedentes, que são obrigados a pa-gar a respectiva multa, porque a prescripção é desconhecida entre os pretos.

Muitas vezes o offendido não quer receber a multa e fica com o di-reito de impor ao delinquente uma pena mais pequena, mas infamante; como por exemplo, obrigar-o quando é de condição livre, a fazer-lhe o presente de uma cabaca de vinho, que deve levar á cabeça e bater-lhe as palmas.

Quando se trata de uma mulher do chefe, o crime é castigado de uma maneira mais seria; se o accusado é livre póde perder a liber-dade e se é escravo perde uma cousa que elle ainda estima mais, a cabeça.

Este facto reprovado na sociedade preta, não importa comtudo deshonra nem vergonha; e ha por lá muito D. João Tenorio, que leva a vida não se rindo uma vez para a mulher que lhe pertence, mas di-rigindo galanteios ás dos vizinhos, constantemente.

Um. conheci eu que quando se lhe exprobrava o seu mau compor-tamento, que lhe era prejudicial, até porque consumia assim todas as suas fazendas, respondia que era d'este modo que elle desejava que *morresse* a sua fazenda e tudo que ganhasse. Este facto de adulterio não espantará ninguem que souber que a preta tem verdadeiramente o furor de ser mãe; que o marido nunca lhe dispensa affectos alguns, e que emfim ella nada tem a perder com a sua infidelidade.

Nos tribunaes indigenas não favorece o accusado a allegação de

embriaguez; a maior parte dos crimes de violencia corporal são praticados n'este estado, que o preto procura para ter a coragem de os commetter; conheci um preto que todas as vezes que desejava dizer ao rei do Congo cousas desagradaveis e pesadas, embriagava-se fortemente e depois dizia as ultimas, fugindo logo para o tumulto de um rei do Congo, para assim evitar o castigo que merecia. Vestigio sem duvida dos antigos frades, que tinham para os desgraçados o seu refugio; ainda hoje á sombra do altar ninguem seria preso.

Os processos mais intrincados, irritantes, e que melhor mostram a rabulice da jurisprudencia indigena, são com certeza os que se referem a dividas.

Se um sujeito deve qualquer cousa a outro deve pagar no praso convencionado; não o podendo fazer deve pedir novo praso, pagando immediatamente uma certa quantia para obter a prorrogação desejada. Se no fim do segundo praso ainda não está habilitado a satisfazer, o credor apresenta-se de modo a ser visto e retira-se para a sua povoação sem fazer advertencia alguma.

Os primeiros desgraçados que passam a tratar dos seus negocios, muitas vezes individuos de logares muito distantes, são amarrados todos, menos um, que fica em liberdade para levar ao devedor noticia de que estão presos por causa da sua divida.

Em poucos, estes homens, que nenhuma culpa têm nas dividas de um terceiro, são vendidos e o seu credor recebe o seu pagamento, juros e mais percalços.

Os parentes dos que forem presos e vendidos têm agora direitos, não contra o que os vendeu, mas contra o devedor; e obrigam-n'o a resgatar todos os seus parentes vendidos, ás vezes para grandes distancias, e alem d'isto a perdas e danos. Se o devedor o não pôde fazer, é vendido com os seus parentes, até perfazerem a conta por que foram resgatados os primitivos e mais despesas de processo e indemnisação avultada.

A constituição de um tribunal para julgar os pleitos que não estão na alçada do soba da povoação é curiosa.

Os dois contendores convidam cada um igual numero de principes, *nfumu* e dois advogados a quem commettem a defeza do pleito. De ordinario são em numero de seis a dez de cada lado.

Estes combinam depois entre si a povoação em que se deve decidir o pleito; preside ou o chefe d'essa povoação, ou o mais velho ou o mais importante. Ajustado o logar e o dia em que deve funcionar o tribunal, que é sempre no terreiro da povoação á sombra de uma copada arvore, ahi comparecem os pleitantes, com seus respectivos advogados, parentes e amigos.

Apenas reunidos, os juizes aconselham aos dois bandos, que devem portar-se com respeito e não promoverem desordens, sob pena de ser a questão perdida para o lado que as excitar.

Então um dos advogados principia a explanar a questão desde as primeiras raizes d'ella, dirigindo sempre o seu discurso no sentido de prejudicar o contrario. O advogado do accusado não póde abrir a bôca; vae, porém, marcando com pequenos pausinhos ou com um sulco feito com o dedo na terra todos os argumentos architectados pelo seu contendor.

Quando termina o discurso, que ás vezes é de muitas horas, levanta-se um dos juizes e repete, resumindo, todas as accusações feitas.

Esta repetição é feita ao advogado contrario, que está estalando com desejos de fallar. Este levanta-se, salta para o meio do circulo formado pelos juizes, e principia a dançar e cantar, mettendo a ridiculo os argumentos de que se serviu o seu adversario. Senta-se depois e principia a sua arenga pretendendo destruir tudo o que o outro avançou e pela mesma ordem, para o que vae retirando um pausinho ou apagando um sulco, á medida que responde a cada argumento. Quando algum dos juizes faz um resumo do que está dito, canta e dança o advogado contrario.

Prolongados os debates por alguns dias seguidos, os juizes nomeados pelos dois fecham o processo e reúnem se a sós ás vezes por dias, para discutirem as rasões allegadas de parte a parte.

Se entre elles se levanta contestação, apresentam-se ao rei, ainda que o tribunal funcione muito distante, e é este que deve decidir.

Dada emfim a rasão a um dos contendores, este exige um porco para *abrir a bôca*, isto é, para dizer quanto pede de indemnisação por perdas e damnos.

Entregue este, o vencedor pede sempre uma quantia fabulosa, ás vezes 150 pessoas. Intervem n'isto o tribunal e *corta a palavra*, resolvendo a conta que deve ser paga, que de ordinario é enorme.

Então o desgraçado vencido, se não tem essa quantia, vae empenhar os sobrinhos com algum usurario, que lhe empresta a 50 por cento pelo menos.

Eu tive de assistir a algumas d'estas *transacções*, e confesso que nada ha mais massador, mas tambem nada mais divertido do que os grandes lances rhetoricos dos advogados, os seus esgares e pantomimas são capazes de fazer rir o individuo atacado da mais alta dóse de hypochondria.

Estes são de ordinario individuos muito ladinos, que não deixam passar nem a menor aggravante nem attenuante, e que tiram sempre um certo bem estar economico das grandes questões ou *palavras*.

Eu gostava muito que todos os que accusam o preto de ser um ente boçal e palerma, o estudassem n'este meio, no meio em que elle está á vontade e desenvolve todos os recursos da sua intelligencia e da sua phantasia, que é fecunda. O seu juizo seria modificado bem depressa.

VI

Conhecidos os habitos moraes das raças pretas, habitos de que nós tambem participâmos infelizmente, comprehende-se o tempo que será preciso gastar para levar á liquidação um processo qualquer. O preto nunca tem pressa, porém nunca esquece; existem pois muitos pleitos que principiam nos avós e vão julgar-se no tempo dos netos.

Ha bem quinze annos um sobrinho de um dos primeiros chefes de Macuta, e o primeiro negociante do norte em marfim, um tal *Susso a npembe*, matou com um tiro, na feira principal de Macuta, um indigena, e logrou, o que é raro, fugir para logares distantes. Como o sobrinho não era entregue, para soffrer o supplicio do fogo a que foi condemnado, caía a responsabilidade sobre um tio, homem de importancia em Macuta. Vendo-se prestes a ser preso, e sabendo que tudo o que possuia ia ser confiscado, segundo o costume do paiz, chamou um soba seu vizinho, a quem entregou avultado numero de peças de fazendas e cento e tantos carneiros, para serem mais tarde restituídos aos seus parentes. Pouco depois foi preso e seria executado, se o verdadeiro culpado não apparecesse. O padecente, ajudado por algum amigo, de certo, amigo que encobria, dizendo ingenuamente que apenas fôra o poder do seu feitiço, conseguiu cortar as cordas e fugir. Teve então ensejo para saber que o sobrinho já tratava directamente com o depositario da sua riqueza para esta lhe ser entregue, visto que o tio estava irremediavelmente perdido, fazendo com elle um contrato em que só restituia parte, conservando o resto a titulo de luvas. Sabidos estes promenores, o sobrinho foi descoberto e no dia da grande quitanda, mettido n'uma casa de palha, para a qual cada feirante levou o seu feixe, e queimado vivo, á vista da mãe, que foi obrigada a assistir.

Conheci esta pobre velha quasi idiota e que todos os dias da semana indigena, que correspondiam áquelle em que o filho foi queimado, não comia absolutamente nada.

Estava concluida a primeira parte; restava a segunda, a mais difficil. O tio depositante reclamou os seus objectos; o seu antigo amigo respondeu que nada tinha a pagar, porque contratára a esse respeito com o sobrinho.

N'estas alturas o chefe do Tungua, vendo-se despojado do que lhe

pertencia, appellou para a lei indigena e começou a prender gente a torto e a direito e a vendel-a para se indemnizar do que lhe não restituíam. O seu contendor lançou mão d'este mesmo expediente e começou também a vender os que podia amarrar.

Como ambos eram poderosos, tinham entre os indigenas partidarios apaixonados nos dois campos, e em poucos annos a região estava dividida em dois partidos que se odiavam cordialmente, e prestes a liquidarem a questão por meio de uma guerra selvagem que assolaria toda a Macuta.

Foi n'estes lances que o rei do Congo interveiu; havia, porém, uma difficuldade, e essa muito séria; consistia em saber se ambos os interessados acceitariam a sua decisão. Um acceitava, emquanto ao outro era menos que provavel.

Pedi-me então o rei com a maior instancia para eu ir a Macuta prégar a paz, conseguir a harmonia e fazer valer a sua vontade, tendo os seus embaixadores instrucções para nada resolverem sem que eu fosse consultado, devendo elles seguir as minhas indicações em tudo que se referisse a esta questão.

Animado pelo desejo de evitar desgraças, de visitar o local da antiga missão do Lundi, onde não cheguei, e parecendo-me alem d'isso que havia conveniencia de mostrar nos sertões do norte, que os portuguezes estavam unidos com o rei, resolvi acceder, e parti para Macuta com o principe D. Alvaro de Agua Rosada, que ainda ha pouco esteve entre nós, e que muitos bons serviços me prestou no dia 17 de setembro de 1886. Alguem nos disse que me acautelasse, porque, havia ainda poucos annos, os povos de Macuta tinham atacado o chefe da missão baptista J. Comber, e os seus companheiros, mettendo uma bala nas costas do primeiro e ferindo os outros; e que poderiam fazer-me o mesmo, visto que ia tratar uma questão de character puramente indigena. Estas observações pessimistas não tinham rasão de ser; fomos bem recebidos e bem tratados por todos.

Depois de oito dias de viagem pessima, atravessando uma região pedregosa, accidentada, e que só tem de notavel um aspecto esteril e selvagem, chegámos emfim a Banza Tungua, onde fizemos os nossos arraiaes; d'ahi visitei toda a região em volta, quitandas ou feiras, povoações e rios. Estes apontamentos não comportam a descripção do que observei. Direi apenas que o systema religioso, usos, costumes, raças e culturas pouco differem das do Congo propriamente dito, sendo comtudo os habitantes mais pobres e atrasados.

Demorámo-nos ahi um mez, e conseguimos não resolver a questão, porque eram em tal numero os principes que deviam assistir, que impossivel foi reunil-os n'este praso de tempo; mas deixei os elemen-

tos para uma solução equitativa e rasoavel. Ambos os contendores ficaram comprehendendo que deviam ceder um pouco do que elles chamavam seus direitos, e que por traz do rei do Congo estava o branco, o portuguez, que não queria desordens nem guerras, mas a paz e o socego de todos.

Os nossos antigos negociantes sertanejos do norte, que hoje não existem, faziam caminho por Macuta para o grande lago Stanley-pool e reino do Makoko.

Encontrei ali tambem os linguesteres, fallando um portuguez horroroso, é verdade, mas que é entendido pelos negociantes da costa. Mal sabem esses pretos que estão perpetuando a nossa memoria n'um paiz que já não nos pertence.

Pouco depois esta pendencia era terminada satisfactoriamente.

*
* * *

Tres classes de pessoas existem na sociedade conguese: individuos livres e de origem livre, a quem se não conhece ascendente escravo; homens livres, porque compraram a liberdade; e homens escravos.

À primeira categoria pertencem os chefes, seus filhos, sobrinhos e alguns outros, não muitos, que são de ordinario os conselheiros, embaixadores e occupam emfim o primeiro logar; formam a aristocracia do paiz. Tomam muito a serio a importancia da sua posição, vivem de ordinario pobres, mas nunca carregarão um fardo ou uma rede que não seja a do rei, nem desempenharão outros mesteres reputados baixos. Passam a vida tratando questões que são boa fonte de receita, e passeiando as povoações ou dormindo sobre uma esteira nas cubatas. Podemos conhecê-los pelo panno que levam sempre o mais possivel de rastos, como signal de que em casa ha abundancia.

O facto de um escravo lhe faltar ao respeito, injuriando-o, é grave e punido com multa correspondente, de ordinario.

Vem em seguida aquelles que conseguiram a liberdade, ou elles ou os seus ascendentes proximos; é o burguez indigena. Muitos occupam logares importantes, são até os commandantes em todas as expedições militares. Têm melhor comprehensão da vida positiva, vão procurar o negócio a logares afastados, entram em todas as especulações, trabalham pouco, mas possuem muito, conseguem comprar ou arrastar ás feitorias europêas bastantes productos e com elles entra-lhes em casa a fazenda, que elles transformam depressa em escravos e mulheres. Emprestam sobre penhores, que de ordinario consistem em gente, e

levam sempre um juro enormemente elevado, ainda que seja ao proprio pae. O unico contra que os póde affligir é a cubiça dos chefes, que lhes está sempre sobre a cabeça como uma espada de Damocles pendente, não de um fio, mas da lingua do adivinhador.

Até certo ponto podem evitar estes inconvenientes, lembrando-se sempre que o seu chefe é um homem com necessidades como todos os mortaes, e que a sua alta prosapia não fica enxovalhada, dignando-se receber qualquer presente de um subdito dedicado.

Para ter longa e socegada vida precisa apenas ser humilde, isto é, fingir-se o mais pobre dos homens; é isso, porém, que repugna á sua indole, é isso que elle nunca fará e nunca se encontrará na raça congo este genero de hypocrisia. Perante a lei tem quasi as mesmas garantias que os primeiros.

Vem depois a classe dos escravos, que é numerosa. É a democracia pacifica, que não reclama direitos, que vive relativamente contente e satisfeita, e que se tiver inveja não é com certeza da liberdade do *senhor*, mas simplesmente da vida ociosa que elle arrasta. Muitas vezes um mesmo individuo é escravo em relação a quem o comprou ou herdou, e *senhor* em relação a outros individuos, que elle comprou a seu turno. A sua sorte não é com certeza para ser invejada; ainda assim, nas populações do Congo, a sua condição é muito toleravel. O individuo comprado entra na familia, é um dos seus elementos, as mulheres do dono ministram-lhe a alimentação precisa e em geral é tratado com carinho igual áquelle que entre nós se dispensa aos que nos servem. O escravo chama sempre pae ao seu senhor e trata-o com respeito; deve estar sempre prompto a cumprir as suas ordens. Estas consistem quasi sempre em levar recados, representar o amo, ir procurar negocio, servir de carregador nas feitorias commerciaes, ir ao mercado comprar generos, etc.

O amo fica para todos os effeitos obrigado a pagar as dividas do escravo, a defendel-o nas questões em que se veja envolvido, e a pagar emfim as multas que elle soffrer.

Quando o escravo está em idade de constituir familia, compete ao senhor o fornecer-lhe a sua companheira, mediante uma pensão que elle paga como póde, e que de ordinario o impede de juntar peculio. Os filhos seguem a condição da mãe; acontece muitas vezes ou quasi sempre que os homens livres têm filhos que não o são igualmente. Dois filhos do mesmo pae, e mães de condição differente, nunca chegam a ser amigos, ou raramente, e em alguns casos póde vender o filho da mulher escrava a seu irmão filho da livre. A mesma antipathia se nota quasi sempre entre os irmãos, filhos de differentes mães; a união é, porém, quasi sempre perfeita entre os irmãos uterinos.

O preto do Congo raramente vende o seu escravo, só o faz obrigado pela grande necessidade, ou quando elle é extremamente rebelde.

É muito commum o facto de os senhores os aparentarem comsigo, por meio do casamento; eu conheci mais do que um d'esta condição, casados com filhas do rei do Congo; a questão é terem valores com que inclinem o pae a dar-lh'as; a vontade da mulher nada influe n'esse casamento nem é consultada, é uma machina de trabalho e de perpetuação da especie, que passa de mão em mão emquanto póde funccionar, e que se atira a um canto depois de cansada, especialmente se não tiver filhos.

No caso de maus tratos, ao escravo resta sempre o recurso de mudar de senhor.

Um facto bem caracteristico de que a condição de escravo não é tão má como poderia parecer á primeira vista, facto passado na minha presença, é o seguinte:

N'um domingo de Paschoa jantaram na nossa missão uns seis ou sete cavalheiros, portuguezes e francezes; caiu a conversa sobre escravatura, e eu por convicção invectivava contra essa vergonha social, que impede todos os progressos materiaes e moraes da humanidade.

Para comemorarmos esse dia tão grande, em que começou a refulgir para a humanidade o esplendor da verdadeira liberdade, propuz que indemnisassemos um filho do rei, que estava presente, e que immediatamente se dêsse liberdade a um dos escravos que o tinha acompanhado. Todos concordaram. Mandeí chamar o homem e disse-lhe que nós tínhamos pago o que elle custou, que d'ali para o futuro era elle tão livre como o proprio rei; que podia trabalhar por sua conta; que eu mesmo lhe daria trabalho, que, emfim, elle era senhor dos seus actos, da sua vontade e da sua força.

O sujeito olhou para mim com cara de idiota e respondeu-me *nuini maza* — bebi agua.

Esta formula de que o preto usa e abusa extraordinariamente, corresponde ao nosso pedir «tempo para pensar». Um preto que quasi nunca quer dar uma resposta decisiva, que deseja consultar antes, ou emfim, que se não quer incommodar, abre a bôca e pronuncia estas palavras, e por esse facto já se não póde mais tratar de tal assumpto, senão no dia em que elle quizer *vomitar a agua*.

Eu é que ainda hoje espero que o nosso protegido venha dar a resposta, *vomitar a agua*. O que soube é que foi para a povoação, que se não importou da liberdade que não comprehende e que nada lhe aproveitava; ia talvez morrer de fome, ao passo que assim tem pessoas que cuidam do seu sustento. Por este podemos avaliar a maior parte.

Os horrores da escravidão terminaram no Congo com a extinção do trafico; a interna e propriamente indigena só muito tarde acabará; e em alguns casos chega até a ser um bem. Muitas mais cabeças caíam victimas das superstições fetichistas se não houvesse o recurso de vender o supposto criminoso.

Devemos comtudo inspirar ao indigena o horror á venda do seu semelhante; horror que eu incuti sempre aos educandos da nossa missão e que ha de produzir fructos praticos.

Devemos crear um outro meio social, e para isso temos a combater muitas escravidões mais repellentes do que essa que lá existe. Devemos combater, mas com obras e sacrificios, e não com longas tiradas de sentimentalismo sedico, que nada adianta. Devemos combater, emfim, com coragem e meios adequados: —a escravidão da mulher, creando na Africa a familia christã,— a escravidão da ociosidade animando o trabalho remunerado, e obrigatorio, se tanto for preciso; —devemos combater a escravidão fetichista, a peor de todas, organizando missões;— devemos combater a escravidão moral, emfim, espalhando pelas colonias a instrucção christã e o trabalho, sem o qual não ha regeneração possivel para o preto.

TERCEIRA PARTE

I

Será sempre uma empresa difficil, laboriosa e erigida de espinhos e grandes sacrificios, arrancar ás trevas da selvageria e do preconceito, uma sociedade primitiva e embryonaria, e fazel-a gosar, mesmo contra sua vontade, dos beneficios de uma sociedade organizada, polida e perfeita.

As grandes glorias nacionaes, como as individuaes, os grandes premios conferidos aos grandes esforços, só os dá a historia aos que se sacrificaram por algum grande principio que impulsionou a marcha da humanidade para o seu fim supremo, a perfeição.

Grande honra pois, caberá ao povo portuguez, honra que nem a inveja de estranhos, nem o despeito dos mais fortes, fará murchar, quando na Africa tiver implantado a sua religião, as suas instituições, a sua lingua, os seus costumes e toda a sua civilisação.

Para realisar esta grande e legitima aspiração é preciso que a santifiquem os esforços, mesmo á custa de grandes sacrificios, de toda a ordem, é preciso toda a coragem de que são capazes as nações; é sobretudo necessario esclarecer e interessar n'esta cruzada santa da civilisação africana todas as camadas sociaes, desde o alto funcionario até ao ultimo habitante da charneca. Para se obter este resultado é bom o livro, o folheto, o artigo da imprensa diaria, a conferencia, todos os meios, emfim, que conduzirem ao grande fim: christianisar as raças pretas, civilisando-as.

Que direitos podemos nós, podem todas as nações coloniaes, apresentar como titulos legitimos para a posse de suas descobertas e conquistas, a não ser a de as civilisarem, enriquecerem e tornar felizes os seus antigos possuidores? Não conheço outros.

O problema da civilisação da nossa Africa é muito complexo e grande numero de factores harmonicos devem concorrer parallelamente para a sua resolução definitiva. Um d'esses factores é, e creio que ninguem o negará, o elemento religioso, que terá sempre uma importancia decisiva na educação dos povos.

Restringirei quanto me for possível as minhas observações a este ponto por ser aquelle que melhor conheço, deixando outros bem importantes tambem, sobre os quaes não tenho a luz sufficiente, aos homens de boa vontade, que os poderão tratar com fartura de conhecimentos theoricos e praticos.

*

* *

Julgo que ninguem de boa fé porá em duvida os serviços que podem prestar e realmente prestam á civilisação africana, as missões religiosas; poderá porém haver divergencia no modo de tornar mais proficuos e efficazes esses serviços, e consequentemente os sacrificios a que obrigam.

O honrado marquez de Sá, que durante uma longa vida luctou energicamente a favor dos infelizes africanos, conseguindo enfim que fossem quebradas as cadeias infames que estrangulavam a liberdade de milhares de homens, cujo crime era serem pretos, opina que uma boa remuneração pecuniaria attrahiria ás missões de Africa abundancia de missionarios. Tenho outra opinião, e estou certo que o missionario, levado á Africa com a mira unica nos bons ordenados, seria inutil, ou pelo menos, pouco proveitoso, talvez até nefasto.

Parece mais deduzir-se do seu livro notavel, *Trabalho rural africano*, que se póde civilisar primeiro e christianisar depois. O christianismo nas terras africanas ha de propagar-se com a civilisação.

Na minha humilde opinião seria mais logico dizer: Nas terras africanas com o christianismo entrará a civilisação. Effectivamente é assim. Onde penetra o christianismo surge o trabalho, o amor entre os homens, enfim a luz e a liberdade.

As verdadeiras missões religiosas na Africa datam de eras recentes; os resultados obtidos até hoje provam-nos exuberantemente o muito que colheremos de bons fructos se as animarmos com ardor e as dotarmos com largueza habilitando-as a fazerem uma rasgada propaganda christã e portugueza. Onde ellas tomarem pé não haverá mais rebeldes e os nossos soldados não serão despiudadamente trucidados pelo indigena, que vê n'elles usurpadores, como tem acontecido na Guiné e em Moçambique. Onde ellas tomarem pé será repellida a propaganda estrangeira dos aventureiros de todas as ordens, que empregam contra nós toda a influencia de que dispõem, para derruirem o prestigio que temos adquirido á custa de grandes sacrificios entre os indigenas.

Uma nação eminentemente colonial, como a nossa, com vastos territorios nas duas Africa, não póde ficar indifferente perante esse

enorme movimento europeu que se irradia no vasto continente africano. Todas as nações europêas que possuem colonias têm o padre o frade, o amigo nato dos desprotegidos, do africano, portanto, para que, junto com o labaro da redempção, leve, ao centro da Africa os seus costumes, a sua lingua, as suas leis, e até o seu commercio e as suas ambições, nem sempre justas.

Lembremo-nos pois, senhores, que todas essas nações concorrentes têm mais ou menos inveja do legado que tantas e tantas vidas custou aos nossos heroicos avós. Lembremo-nos de que ellas se aproveitam largamente de um meio de civilisação poderoso, de que nós tambem podemos lançar mão, mas que temos até agora quasi desprezado como um brinco de creanças. Para mim não é uma lisonjeira utopia a formação de uma *nova luzitania* na Africa: —o grande ideal d'esta sociedade,— temos ainda o pulso vigoroso para levantarmos um novo Brazil. É preciso, porém, não descansar; o periodo agudo da nossa doença de indifferentismo parece aggravar-se, e se lhe não acudirmos com pressa, tudo se perderá.

Desmintamos por uma vez essas calumnias, a que temos dado apparencias de verdade, de que somos um povo incapaz do colonisar, que temos dado todas as provas possiveis de incapacidade colonisadora; desmintamos por uma vez todas essas calumnias, repito, suffoque-mos de uma vez esse grasnar de aves de mau agouro, que prophetisam a nossa ruina, e levantemo-nos como um só homem para tomarmos conta da nossa rica herança nas terras de alem-mar, acceitando com coragem todos os encargos que ella nos impõe. Creemos as missões, e teremos dado um grande passo no caminho do progresso colonial. Bem sei que as missões só por si não são sufficientes para salvarem as nossas colonias; são porém uma grande garantia de segurança interna das mesmas e auxiliarão poderosamente todos os melhoramentos que as devem acompanhar.

Mas, senhores, para crearmos missões é preciso termos missionarios, e são esses exactamente que nos faltam; —é doloroso, mas é preciso reconhecê-lo. É esta uma questão importante e cheia de espinhos. Eu direi o que penso a este respeito; não desejo offender pessoa alguma e procurarei evitá-lo; se o não poder conseguir a culpa não é minha, acima de tudo está o nosso irmão africano, esse pária que é preciso regenerar pela religião e pelo trabalho.

A Africa não é a Asia nem a America; o missionario africano do seculo XIX não póde ser talhado nos moldes em que o foi o do XVI e XVII na Asia; um abysmo de differença separa os dois continentes. Ali pré-gava-se a doutrina santa do Evangelho, e uma força divina e irresistivel attrahia esses povos para as grandes verdades n'elle contidos.

Na Africa o missionario empregava iguaes esforços, e a mesma semente de doutrina não produzia senão fructos rachiticos e sem aroma.

D'onde provém esta differença? Da doutrina? Não. Do missionario? Tambem não. Provém do meio. E por que se não attentou a este, as missões africanas não corresponderam, e ainda hoje na Africa ha muitos baptisados, mas pouquissimos christãos dignos d'este nome.

O missionario africano actual deve levar ao indigena desconfiado e estúpido, em uma das mãos a cruz, symbolo augusto da paz e da fraternidade dos povos, e na outra a enxada, symbolo do trabalho abençoado por Deus. Deve ser padre e artista, pae e mestre, doutor e homem da terra; deve tão depressa pôr a sua estola para confortar com a esperança eterna o padecente nos estertores da hora extrema, como empunhar a picareta para arrotear uma courella de terreno; deve tão depressa fazer uma homilia, como pensar a mão escangalhada pela explosão de uma espingarda traiçoeira.

As aptidões, porém, do homem são tão limitadas, as doenças africanas prostram com tanta violencia, e o tempo corre tão veloz para o missionario, que impossivel nos é exigir tantos serviços de um só homem.

Que remedio então? O remedio é estabelecer centros principaes de missões, nos logares menos insalubres e dotar esses centros com um pessoal sufficiente. O remedio é a congregação, em que os membros sejam ligados por meio de laços moraes que sustentem a cohesão d'esses membros, pelo menos o tempo preciso para que os trabalhos empreendidos com sacrificios e enormes perdas não sejam baldados. Se não soar bem aos nossos ouvidos delicados de meridionaes a palavra «congregação», invente-se outra, por exemplo «Instituto geral das missões portuguezas». Inventaram-n'o já os homens patriotas e insuspeitos que formavam a primeira commissão das missões. Repugnam os votos perpetuos, a nós pouco costumados a permanecer na mesma opinião? Pois sejam temporarios; attendendo, porém, sempre a que o missionario que vae para as missões por uns certos annos precedentemente determinados n'uma lei, é pouco proficuo; será uma machina de fazer civilisação por contador.

Em geral o missionario, ligado ao seu instituto, sabendo que terá sempre garantido o seu futuro na velhice e nas enfermidades, trabalhará todo o tempo que lhe for possivel, e terá a consolação de ver, quando cair extenuado pela fadiga, que um outro irmão continúa a sua obra e a sua memoria no caminho do bem e da paz.

Assim obteremos missionarios experimentados, que transmittirão, com os seus ensinamentos, os costumes, as virtudes e os vicios dos povos onde por muitos annos têm residido, aos missionarios que os

hãõ de substituir, quando a doença ou a morte os tiverem posto fóra do seu lugar de honra.

Pelo systema actual não passãmos de ter missionarios sem tirocinio; não ha unidade de vistas, o que um julga optimo meio de propaganda, o outro julga detestavel; e, peor ainda, quando um morre, leva tanto tempo a substituição, que tudo que elle fez se perde n'esse intervallo. Mais. Que incentivos tem actualmente o missionario para trabalhar? Unicamente a caridade.

E n'este estado não será para receiar que o missionario affrouxe no seu zêlo, pensando todos os dias que em pouco tempo póde ficar inutilisado, e portanto em lucta aberta com a miseria, tendo, para o consolar, apenas a amarga esperanza de uma cama no hospital? Não será uma congrua de 350\$000 réis, como têm os missionarios de Angola, um incentivo para nada gastar em propaganda religiosa e deixar-se caír n'uma vil dependencia dos miseros indigenas que elle devia dirigir?

Como ha de attrahir os pretos á sua escola e á catechese, se elle não os póde vestir nem alimentar, condição indispensavel pelo menos nos logares onde eu tenho missionado? Eu não venho aqui pedir riqueza, nem para mim nem para os meus collegas, que tambem a não desejam; não me faria missionario, e muito menos na nossa Africa, se fosse esse o motivo que me animava. Venho simplesmente chamar a attenção d'esta illustre Sociedade para um estado de cousas que não deve continuar, que exige do missionario enormes sacrificios sem resultado nem para elle, nem para a religião, nem para o bem das colonias.

Organisemos uma congregação ou um instituto de missões portuguezas; temos para isso um nucleo em Sernache do Bom Jardim, á frente do qual se encontra um homem tão illustrado e trabalhador como o sr. dr. Boavida. Póde acaso receiar-se a falta de vocações? Impossivel; pois os descendentes dos grandes missionarios que honraram este abençoado torrão, levando o seu nome a todos os pontos do globo, já não sentem o entusiasmo do sacrificio pela sua religião e pela sua patria?

Pois os descendentes dos que levaram á capital da China e ás costas do Japão a cruz com a alta astronomia e a imprensa, os descendentes dos que congregaram em aldeias, modelos de republicas, as tribus selvagens da America, não terão a coragem de ir implantar a santa cruz abençoada, nos sertões africanos, mais humildes e menos selvagens? Impossivel. Contra essa supposição protestam todos os dias os muitos pretendentes á entrada no collegio das missões. Contra isto protestam todos os meus collegas que estão promptos a passar a

vida na Africa, quando não temerem morrer de fome na Europa. Contra isso protesta a nossa dignidade de nação colonial, habituada ás fadigas de alem-mar; contra isso protesta emfim toda a tradição da nação portugueza.

Organisemos pois esse instituto, e se essa organização não poder ser mais perfeita, seja ao menos modelada pela do seminario de S. Sulpicio em París, que fornece bons e muitos missionarios ás missões estrangeiras. Dotemol-o com meios sufficientes para um pessoal avultado; interesseemos n'esta grande obra a caridade do paiz, que, assim como soccorre as missões em paizes não portuguezes, com mais rasão ainda o deve fazer a favor dos pretos, nossos irmãos abatidos é verdade, mas que têm direito ao nosso amor e solicitude até porque a sorte os fez portuguezes.

*

* *

Fazendo isto teremos ainda a nossa obra em meio, e é urgente concluil-a. É indispensavel uma congregação de irmãs educadoras. Sem ellas o resultado dos missionarios serão sempre muito ephemerous, pouco solidos e não atacam o mal na sua origem.

O colono do Congo ha de ser o mesmo congo; já disse esta verdade; é, pois, indispensavel educal-o para este fim. Essa educação, porém, será incompleta se não abranger os dois sexos; é urgente formar a familia christã na Africa, onde não existe.

De que aproveitarão todos os esforços dos missionarios para educarem o preto, se a mulher d'este, se a mãe dos seus filhos continúa na abjecção da polygamia? De bem pouco. A mulher do Congo tem aptidões mais pronunciadas para entrar n'um franco caminho de progresso, do que o preto. Ama com exagero os seus filhos, é terna para com elles e tem embryonariamente todas as boas qualidades da mulher civilisada. Gosta de saber e empenha-se para esse fim; é mais religiosa que o preto e tem, como enorme vantagem sobre aquelle, os habitos e mesmo a dedicação ao trabalho.

Com taes predicaos será, se não facil, ao menos muito possivel, fazer d'ella a boa esposa, a boa mãe, a boa dona de casa, emfim, a boa companheira e não a femea do homem, como o é actualmente.

Abri em S. Salvador uma escola para raparigas indigenas, escolhendo uma hora adequada para que depois de regressarem das suas plantações podessem frequental-a; o resultado depassou a minha expectativa, um grande numero se matriculou, e ali aprendiam a doutrina christã e a ler.

Era o que rasoavelmente lhes podia ensinar, mas não é com cer-

teza aquillo de que ellas mais necessidade têm de saber. Pouco importa que a mulher do congo não saiba ler, o que é preciso, é que conheça os seus deveres de mulher christã; o que precisa saber, é o modo como com seus pequenos recursos deve governar a sua casa, o que precisa saber, é preparar a roupa, com que deve cobrir a sua nudez, o que deve saber, é como ha de tratar do seu marido e dominal-o para o bem.

Ora, toda esta instrucção, que é a unica que por emquanto lhe póde ser proveitosa, só outra mulher lh'a póde ministrar; e essa outra mulher só póde ser a irmã educadora, cheia de dedicação, animada por uma fervorosa caridade, que se transforma em mil sacrificios para nobilitar e engrandecer a sua irmã africana.

Em poucos annos, em volta de uma missão surgirá uma geração nova, verdadeiramente christã, laboriosa e feliz. As aptidões da africana serão estudadas cuidadosamente, e ella, hoje estúpida e bronca, será costureira, será a dona de casa, será, emfim, um instrumento de civilisação poderosissimo.

As irmãs educadoras, pelas circumstancias economicas em que costumam viver, não sobrecarregarão muito a instituição, sendo comtudo preciso augmentar-lhes tanto mais as garantias, quanto maior é a sua fraqueza, já para resistirem ás intemperies, já para viverem nos sertões.

O preto do Congo designa as irmãs por *mulheres padres* e terá por ellas o mesmo respeito e acatamento que tem pelos missionarios.

Como já disse, a falta d'este elemento nas missões antigas, manifestou-se claramente nos pequenos resultados que d'ellas promanaram. Se pois novamente nos não queremos arriscar a um insuccesso, creemos junto de cada internato de rapazes dirigidos pelos missionarios, o internato para raparigas dirigido pelas *irmãs* educadoras, e assim completaremos a obra da regeneração do preto, creando a familia christã, base de toda a sociedade bem organizada e prospera.

Mas ainda não é tudo; as nossas missões precisam de um novo elemento, alem dos mencionados; necessitam do irmão leigo, do lavrador, do artista.

Estes não devem, no meu entender, formar um corpo á parte, nem appendice; devem fazer parte da congregação ou internato. O seu futuro será garantido como o do missionario, a sua educação deve ser animada e aquecida com as mesmas regras, os mesmos deveres. O amor para com o indigena deve animal-o tão intensamente como ao missionario presbytero. Se não for educado no mesmo meio, se não tiver o mesmo amor entranhado pela missão de que elle é membro, o seu sacrificio será inutil e prejudicará até muitas vezes.

Se a estes obreiros do progresso e da civilisação faltar o fervor religioso e affrouxar a caridade, que tudo soffre, para educar o selvagem, a sua obra será fria e morta e os resultados hão de ser fatalmente pobres e escassos.

É por estas razões que eu creio pouco em missões leigas, não negando comtudo que alguns serviços podem prestar, se houver rigorosa escolha no seu pessoal. Ha de ser difficil encontrar homens que soffram de boamente aos indigenas o que o missionario lhes soffre, esperando apenas d'esses sacrificios uma recompensa que nem as invejas, nem a maledicencia, nem toda a malicia dos homens lhes póde tirar, uma recompensa alem da vida das miserias, das paixões ruins e dos despeitos; emfim, uma recompensa que só receberá quando soar a hora do descanso.

Com tres padres e tres irmãos leigos podem fundar-se em Africa missões modelos.

Actualmente todos estão convencidos que as missões sem o trabalho não podem dar resultado; o missionario isolado e só, na Africa pouco póde fazer de bom. Morre de nostalgia e aborrecimento; o preto que ouviu a sua cathechese, mas que não comprehende as verdades que lhe são reveladas, vem um dia por curiosidade, mas não volta. No fim de dez annos de cathechese por este systema estará tão selvagem como no primeiro dia; continuará analphabeto, vicioso e bebado como d'antes. Appello para os que conhecem um pouco da Africa; será o preto de Loanda mais morigerado hoje do que o era ha cem annos? Duvido.

O primeiro cuidado das missões deve ser a agricultura; nunca será prospera uma missão que tenha de importar tudo o que consome. D'isto tira logo tres resultados capitaes: alliviar as despezas, ensinar os habitos de trabalho ao indigena, introduzir novas culturas e processos no paiz, que em pouco tempo serão seguidos pelo indigena, que é sufficientemente observador, para tirar os corollarios logicos d'estas innovações.

Na missão que dirigi sempre tive a peito este ramo de serviço, e se não tirei todos os resultados desejados, foi isso devido á falta de pessoal dirigente; consegui comtudo que os mesmos indigenas trabalhassem e vissem os bons fructos que do trabalho se derivam.

Este importante ramo de serviços póde ser desempenhado perfeitamente por um irmão leigo, que prestará tão bons serviços como um presbytero. Em seguida vem os officiaes mechanicos que as missões devem animar, já para se protegerem a si mesmas, já para que os indigenas aprendam para seu proveito e bem estar.

O preto no Congo ainde hoje fabrica a sua cubata como a fabricou

o seu avô no tempo em que invadiu estas provincias; e como poderia elle mudar, como poderia aperfeiçoar-se, se nunca lhe ensinaram a desbistar um tronco, se elle nunca viu um esquadro, se elle nunca soube como se lançava um prumo?

Vá o irmão leigo ensinar-lhe todas estas cousas e veremos que em poucos annos no logar de trinta *chinbeques* de palha, surge como por encanto a casa confortavel, que o garantirá do frio, cacimba e das pesadas chuvas.

Emfim, a missão deve ser uma escola completa, onde com o pão do espirito se ministrem os elementos de prosperidade material dos povos. O estado actual das raças do Congo, e o mesmo se póde affirmar de todas as africanas, não comporta uma alta cultura intellectual, que em logar de beneficiar o indigena lhe seria prejudicial. De que nos serviria ministrar ao indigena uma instrucção aprimorada e desenvolvida, se o meio social em que a natureza o collocou lhe não permite por emquanto o passar de um artista, de um pequeno lavrador ou de um mediocre negociante?

Que saiba bem a nossa lingua, ler e escrever correctamente, com uns principios de arithmetica e historia natuural, e ter-lhe-hemos dado o que elle mais precisa para o espirito. Seja lavrador, artista ou pastor e terá tudo o que lhe é preciso para o corpo.

Comprehendo assim as missões na Africa e penso que todos me acompanharão n'esta maneira de vel-as.

Se as crearmos, veremos como terminam revoltas, como o preto nos é affeigado, como as nossas colonias prosperam e como teremos no fim de alguns annos modificado profundamente a sociedade indigena, trazendo-a ao christianismo, ao progresso, á civilisação, e emfim a todas as aspirações justas das sociedades adiantadas.

II

Pela exposição resumida que fiz das condições climatologicas do Congo, será facil deduzir que as missões, principalmente no norte da provincia de Angola, terão sempre a lutar com um inimigo terrivel, que resistirá aos esforços e energia das raças europêas, o clima; seria illusão o occultar esta circumstancia, que desempenhará sempre um logar importante no numero dos obstaculos com que é preciso contar para a civilisação do Congo.

Este obstaculo não é invencivel debaixo do ponto de vista missionario. Os missionarios que para ali enviarmos, continuarão a ser victimados pelas febres, como o foram os das antigas missões. Poderemos porém e deveremos até, na minha opinião, crear o clero indigena, que

poderá resistir com grandes vantagens sobre o europeu á malignidade do meio climaterico. Esta vantagem e este grande recurso não é invenção minha; ha muito que os primeiros descobridores lhe reconheceram as vantagens. Um parente do segundo rei christão do Congo D. Affonso, foi o primeiro bispo da ilha de S. Thomé e do Congo, o bispo titular de Uttica. Em 1779 Martinho de Mello enviava ao Congo uma missão composta de vinte e dois missionarios, um dos quaes era o preto congo André do Couto Godinho, bacharel em canones. Não posso affirmar que fosse elle o chefe d'esta importante missão; alguns papeis que encontrei pertencentes ao mesmo auctorisam até certo ponto esta supposição. Nos conventos, tanto de freiras como de frades, encontramos entre os seus membros os filhos do Congo. A ordem emanada do governo portuguez em principios do seculo passado, para que fosse creado na capital da provincia um seminario para a educação do clero indigena, seminario que, ou nunca foi aberto ou, se o foi, com pouco resultado, mostram claramente a persuasão em que estavam os nossos antepassados, que tinham mais obras e menos palavras que os seus descendentes, que o preto podia ser padre.

Ainda que me faltassem estes precedentes a minha opinião seria a mesma. O preto congo, segregado desde pequeno, do meio vicioso em que nasce, e transportado para a Europa ou mesmo para uma região do sul menos insalubre e longe da sua, não só daria á raça todas as garantias exigidas de estudo, mas ainda as que se referem á moral e bons costumes.

Em S. Salvador mandei muitas vezes alguns dos melhores alumnos da missão a ensinarem a doutrina christã ás povoações vizinhas. É devéras consolador o observar o enthusiasmo que os animava quando desempenhavam uma missão reservada de ordinario ao branco. Para obtermos, pois, os melhores propagandistas catholicos entre os indigenas, duas condições essenciaes são precisas e bastam: formar-lhes o espirito pela instrucção e o coração pelo sentimento para os logaraes em que nasceram, porque seria a familia que os perverteria, inutilisando-os; segundo, aggregal-os ás missões dirigidas pelo missionario europeu. Debaixo da inspecção immediata d'este, com as suas boas qualidades de humildade e reconhecimento de maior capacidade no branco, estes missionarios faziam milágres na educação e christianisação dos seus irmãos selvagens.

Conhecendo a fundo a lingua do paiz, os costumes, as tendencias dos seus compatriotas, estão aptos para serem os melhores evangelisadores não só do Congo, mas de toda a Africa.

As febres que dizimam o europeu, as quaes quando o não matam, ao menos o impossibilitam, para desenvolver toda a sua energia e von-

tade, encontrariam no missionario preto um zombadar dos seus golpes e sempre apto a resistir incolume a todas as intemperies do clima.

As missões do Espirito Santo, que muito bem conhecem a vantagem que podem tirar d'estes missionarios educam-nos na Africa, e quando os suppõem aptos enviam-nos a París para estudarem a theologia e receberem as ordens sagradas.

O preto morre sempre por parecer branco; iniciando-o no sacerdocio, lisonjeariamos a sua vaidade em proveito da raça preta, nosso e da religião. Ainda mesmo pelo lado economico elle seria vantajoso, e estes mesmos sacrificios que nos impõem, seriam largamente retribuidos com optimos serviços.

As nossas antigas missões do Congo decaíram completamente quando ainda todas as cidades, villas e aldeias de Portugal regorgitavam de conventos. Este facto é muito importante e mostra-nos claramente que o Congo era temido dos institutos monachaes por causa do seu clima.

Poderia parecer difficil obter candidatos já experimentados, e com os quaes se podesse contar com certas probabilidades de bom exito; esta difficuldade desaparece, attendendo a que esses candidatos deviam ser tirados das missões que temos em Africa, como a da Huilla e Congo. Entre os mais distinctos educandos dos internatos das mesmas deviam escolher-se os que mais garantias offerecessem de capacidade, e deviam ser depois enviados á casa-mãe da congregação para que os educasse no espirito de desinteresse, caridade e abnegação tão indispensaveis a todos os sacerdotes, e absolutamente requeridos no missionario. Na sua terra natal não seria possivel a educação; para o demonstrar ahi temos o seminario de Loanda, que até hoje nenhum resultado tem produzido. A congregação resolveria se convinha transportar o preto para o clima da Europa, ou se seria mais vantajoso estabelecer uma casa filial na ilha de S. Thomé ou em Cabo Verde.

O ex.^{mo} sr. bispo de Angola e Congo está tão convencido d'esta necessidade, que se offerecia a educar á sua custa, para o estado ecclesiastico, um dos pretos que me acompanhou a Lisboa; não foi porém possivel, attendendo á idade já grande do indigitado.

E porque não principiaremos desde já a ensaiar este systema que dará resultados? Porque á falta de institutos mais apropriados a formar o clero missionario não se mandam desde já alguns d'estes indigenas para os seminarios que temos nos climas quentes ou muito temperados, como Cabo Verde, Madeira e Açores?

A mim, senhores, afigura-se-me tão obvia, clara e vantajosa a criação d'esta milicia, como reforço ao missionario europeu e sempre dirigida por elle, que só me admiro de que até hoje não tenhamos lan-

gado mão de um meio facil a meu ver, e que dará um resultado magnifico, especialmente debaixo do ponto de vista de resistencia ás influencias do clima.

*

* *

Agora, senhores, permittir-me-heis que resuma em poucas palavras o que mais diffusamente vos apresentei.

O Congo, grande imperio indigena na epocha da nossa descoberta, dissolveu-se de tal modo que se converteu em milhares de povoações por assim dizer autonomas e sem laços de dependencia entre si.

Não creio que este esphacelamento fosse uma consequencia dos nossos costumes e civilisação ali introduzidos; tem-se observado o mesmo phenomeno onde nós não tivemos quasi influencia alguma; onde estão hoje os imperios do Muata Yanvo e do Cazembe? Seguiram a sorte do do Congo. Os clarões da civilisação christã e portugueza que os nossos heroicos missionarios ali levaram á custa de mil sacrificios, não poderam dissipar a densa nevoa que envolvia a sociedade indigena.

Foram praticados heroismos sem conto, mas para civilisar uma sociedade como a do Congo, entrincheirada no seu recinto de morte, não bastam sacrificios heroicos; é preciso tambem o raciocinio e os meios adequados. Com as desgraças da mãe patria, vieram as desgraças do Congo. Guerras sem fim, guerras de familia as mais terriveis em Africa, disputando a honra do mando, ensanguentaram por muitas vezes o paiz, e S. Salvador, a grande capital do tempo do esplendor, chegou a ficar deserta.

Os ultimos representantes das raças europêas que lograram triumphar do clima retiraram para Loanda ou para a costa, vendo a região assolada e sem commercio.

As relações tão frequentes e cordiaes entre brancos e pretos quasi se cortaram e quando mais tarde se tentou reatal-as, surgiram alguns attritos que felizmente foram removidos.

Em nossos dias voltaram á tela os assumptos do Congo; não o indigena, mas o europeu, negou-nos desalmadamente os nossos direitos; direitos exarados em todos os documentos historicos, direitos attestados nos escombros das nossas velhas igrejas, direitos proclamados nas cruzes que implantámos nos confins dos sertões.

Concederam-nos ainda assim o favor de não nos arrebatarem tudo; devemos ser gratos por esta munificencia!

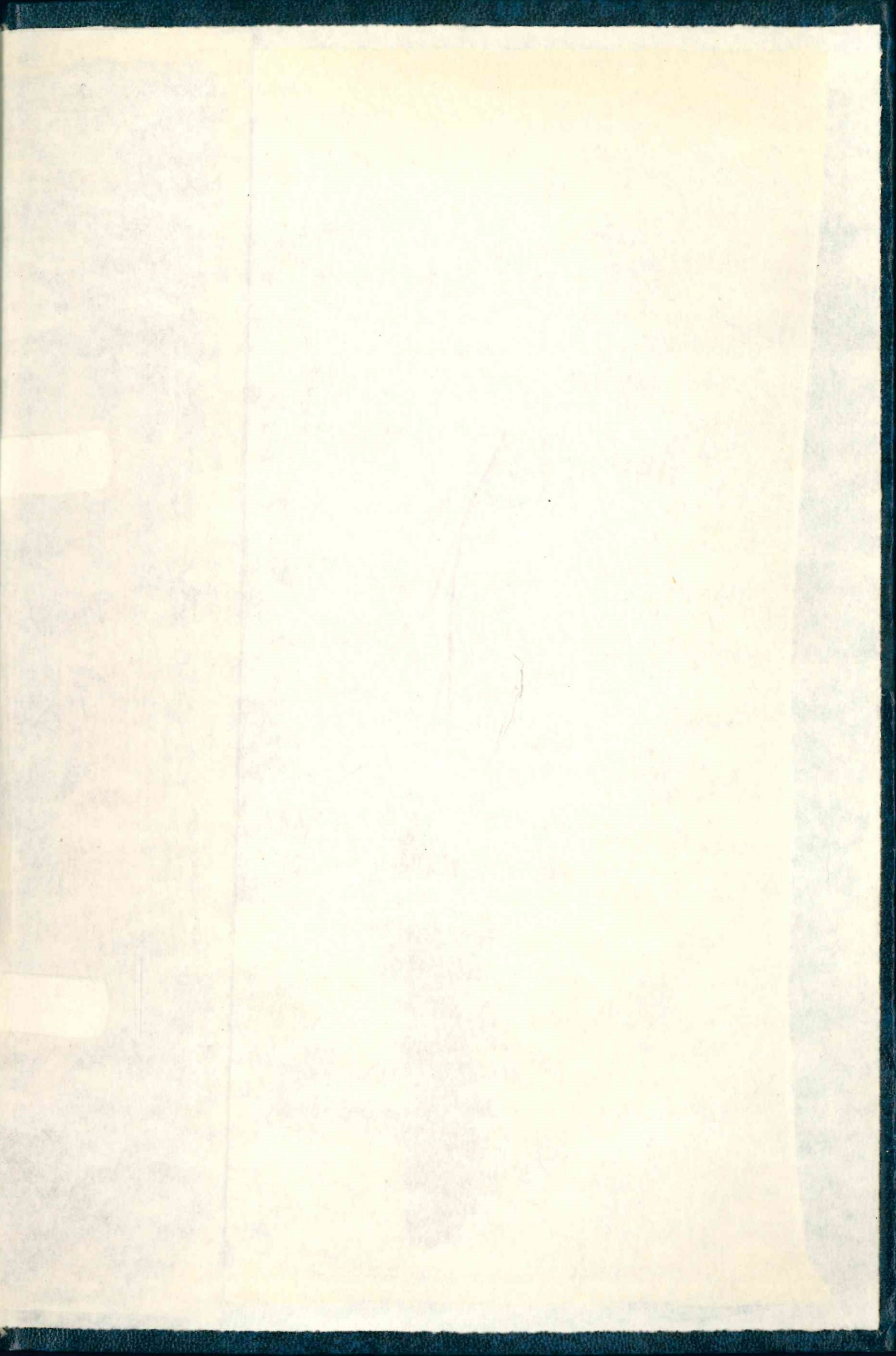
O que nos resta é ainda muito; trabalhemos pois activamente na civilisação d'esses subditos da corôa portugueza, trabalhemos nos seus melhoramentos moraes e materiaes. Demos-lhe missões e com ellas a

felicidade e a paz. Em todo o vasto territorio ao sul do grande rio Zaire até Loanda, temos apenas tres estações missionarias; isto é pouco, é quasi nada. É urgentissimo crear uma nova no Bembe, lugar onde ainda ha poucos annos existia a séde de um concelho e a exploração de um rico minerio, e hoje só existem ruinas e escombros. Crie-mos ahi uma missão e depois d'essa creemos mais algumas em todo o paiz, mandemos o padre e mais tarde o soldado, se por acaso for preciso.

Temos de colonisar por evolução, e este o caminho que convem aos nossos recursos e ao nosso gremio; apresse-mos porém essa evolução, e os sacrificios que hoje nos custa serão retribuidas ámanhã largamente. Salvemos o Congo da decadencia a que chegou, pelo commercio que ainda produz, e pela exploração do minerio em que é rico. Um caminho de ferro de via reduzida do Ambrizete até ao Bembe seria de grande alcance material para toda aquella região. Salvemol-o moralmente pelas missões, protegendo-as efficazmente creando um pessoal que não temos, dispensando toda a protecção aos institutos que ali desejem trabalhar a coberto da nossa bandeira.

Nunca nos arreponderemos do que fizemos pelas missões catholicas nos nossos territorios de alem-mar; dispersos por uma vez um montão de preconceitos que nos tem obrigado a adiar este problema momentoso das missões, chamemos novamente ao Congo o frade, o congregado, todos os portadores da paz e do progresso; um governo forte tem sempre elementos para cohibir abusos, se elles surgirem em alguma parte.

Tomemos para exemplo de tacto colonizador a nossa vizinha Hespanha, que protege altamente as missões filippinas e recebe em troca a prosperidade material e moral d'esse archipelago. Preparemos pelo W. de Africa uma forte barreira para oppormos á influencia arabe e mahometana, que se alastra pelo oriente e pelo centro. A humanidade agradecida bem dirá o nome da nação pequena, mas briosa, que, tendo nos seculos XVI e XVII feito recuar as invasões dos turcos ottomanos na Europa, pela guerra que lhes moveu nos estreitos da Asia, mais uma vez conteve a barbaria arabe, que actualmente, como a lava de um volcão, ameaça assolar a Africa inteira.



biblioteca
municipal
barcelos



4300

○ Congo